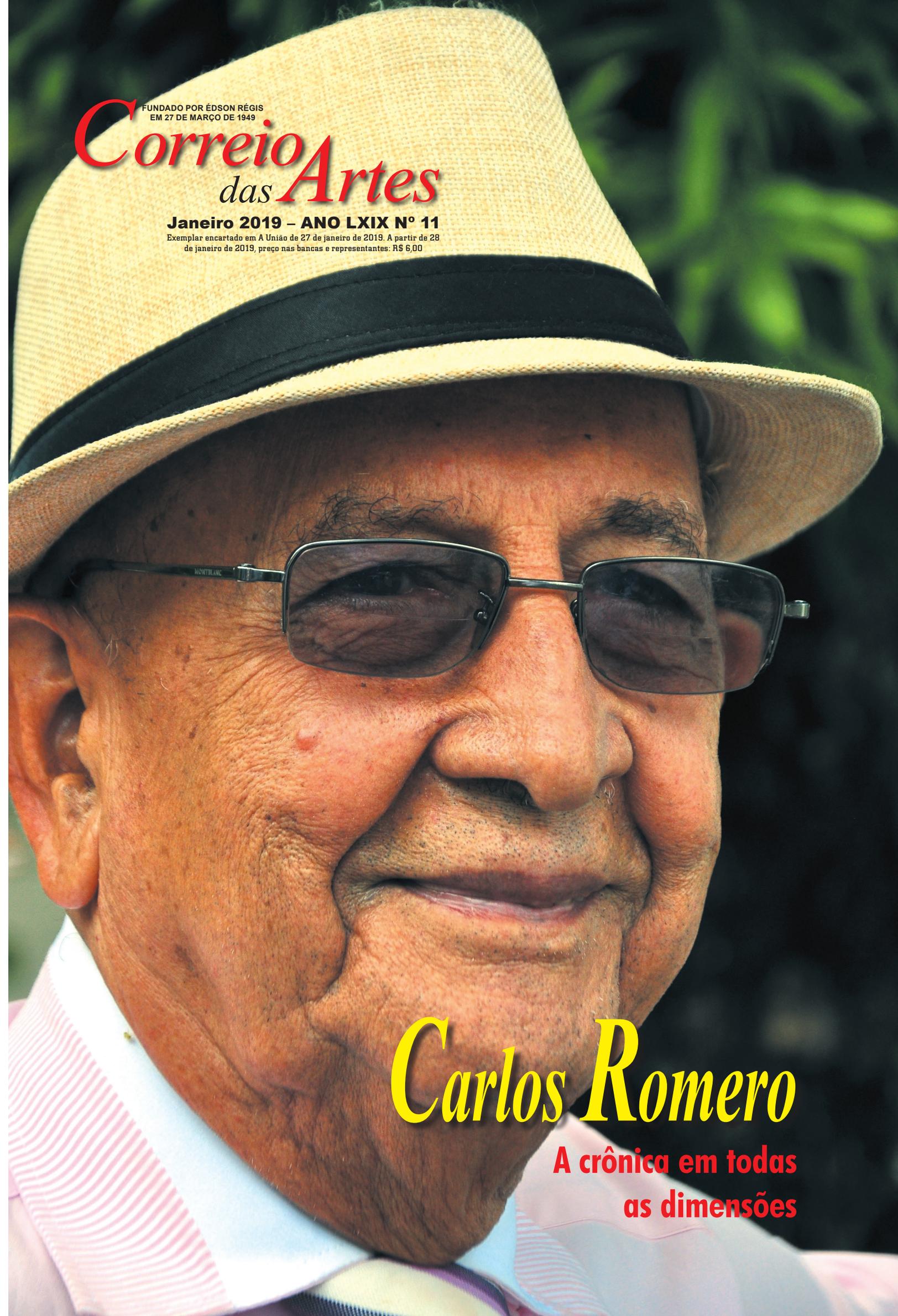


FUNDADO POR ÉDSON RÉGIS
EM 27 DE MARÇO DE 1949

Correio das Artes

Janeiro 2019 – ANO LXIX Nº 11

Exemplar encartado em A União de 27 de janeiro de 2019. A partir de 28 de janeiro de 2019, preço nas bancas e representantes: R\$ 6,00

A close-up portrait of an elderly man, Carlos Romero, wearing a light-colored straw hat with a black band and dark sunglasses. He has a slight smile and is wearing a light blue shirt with a pink and white striped tie. The background is dark and out of focus.

Carlos Romero

**A crônica em todas
as dimensões**

GIRA mundo



NA PARAÍBA, O ESTUDO TE LEVA MAIS LONGE.



O programa Gira Mundo modalidade estudante, visa proporcionar aos alunos matriculados na segunda série do ensino médio, no sentido de oportunizar o desenvolvimento linguístico e a interação com novas culturas e métodos de ensino, que, ao regressarem, tornar-se-ão multiplicadores do Programa Gira Mundo em suas regiões e desenvolver ações voltadas ao aprimoramento da educação no estado da Paraíba. Busca-se com o referido projeto, motivar os alunos e professores da rede pública estadual de educação na busca de melhor formação e desempenho na escola.

Os destinos do Gira-mundo

2016

50 estudantes - Canadá
3 professores - Canadá
20 professores - Finlândia

2017

50 estudantes - Canadá
25 estudantes - Espanha
25 estudantes - Portugal
55 Professores - Finlândia

Próximo destino:

100 estudantes - Canadá
50 estudantes - Espanha
25 estudantes - Portugal
25 estudantes - Argentina
80 professores - Finlândia
20 professores - Israel



A UNIÃO
Superintendência de Imprensa e Editora

125
Anos

Lições de viver

Há pessoas que vêm a este mundo para deixar lições de viver. Um existir pleno, solidário, criativo, sensível às possibilidades boas que a vida oferece, mas encorajado o suficiente para enfrentar, também, as adversidades, pois existência assim, só flores e sonhos, talvez não exista nem mesmo no paraíso.

Uma dessas criaturas encarnou na cidade de Alagoa Nova, em 1924, e desencarnou no dia 6 deste mês. Carlos Romero é o seu nome. Fez muito na vida – jornalismo, magistério, magistratura –, mas seu legado maior talvez seja a crônica. A ela dedicou-se com paixão por longos e ininterruptos anos.

A história de Carlos Romero confunde-se com a história do jornalismo e da cultura paraibana, no período que vai do armistício de 1945 a este início de 2019, quando o Brasil, fazendo coro às superpotências mundiais, vol-

Uma dessas criaturas encarnou na cidade de Alagoa Nova, em 1924, e desencarnou no dia 6 deste mês. Carlos Romero é o seu nome. Fez muito na vida, mas seu legado maior talvez seja a crônica.

tou a exaltar as armas como solução para conflitos individuais e coletivos.

Carlos Romero é um dos fundadores do "Correio das Artes", que editou por algum tempo, além de resenhar livros e assinar crônicas.

Iniciou-se n'A **União** como revisor, passando depois a repórter, redator e cronista. Nesta última função permaneceu por toda a vida, com uma inaudita assiduidade.

Amante da música, Carlos Romero é um dos fundadores da Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB). Membro da Academia Paraibana de Letras (APL), é autor de diversos livros, entre os quais se destacam *A dança do tempo*, *O Papa e a mulher nua*, *Lições de viver* e *Viajar é sonhar acordado* (todos de crônica).

Nesta edição, homenageamos este homem que tanto doou à Paraíba, partilhando, por meio de suas palavras - escritas ou faladas -, suas experiências espirituais, existenciais e culturais. Um homem que manteve a pureza mental, eterna criança, condição única para se alcançar a plenitude da Consciência Crística.

O Editor

índice



4

CARLOS

O jornalista Carlos Romero marcou época como cronista de *A União* e integrou o seletivo grupo de fundadores do "Correio das Artes".



8

RAYMUNDO

O professor José Mário da Silva exalta os prodígios do poeta e tribuno cearense, mas paraibano de coração, Raymundo Yasbeck Asfóra.



20

POESIA

A seção de Poesia traz poemas inéditos de Josafá de Orós e Eliza Araújo, ilustrados, respectivamente, por Tônio e Domingos Sávio.



28

CRÔNICA & CONTO

Ana Adelaide Peixoto, José Edmilson Rodrigues, Márcio J. S. Lima, Everaldo Soares Jr., Theo G. Alves e Milfa Valério são os destaques desta edição.



OUVIDORIA:
3218-6500

Albige Léo Araújo Fernandes
DIRETORA DE MÍDIA IMPRESSA



Jorge Rezende
EDITOR GERAL

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Maria Eduarda dos Santos Figueiredo
DIRETORA DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

William Costa
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo
DIAGRAMAÇÃO

FOTOS: ARQUIVO DA FAMÍLIA



Carlos Romero, ou

AS TERAPIAS LÍRICAS DO AMOR

Linaldo Guedes

linaldo.guedes@gmail.com

Natural de Alagoa Nova (PB), Carlos Romero é um nome que sempre pontificou na imprensa e na literatura paraibanas. Seja como cronista, seja como jornalista, é autor de livros hoje verdadeiros clássicos de nossa literatura contemporânea – como *A dança do tempo* e *O Papa e a mulher nua* –, foi um dos primeiros editores do suplemento “Correio das Artes” e assinou coluna nos principais periódicos do estado, formando, sobretudo, leitores embevecidos com sua forma fácil e erudita, irônica e incisiva de descrever e vivenciar os fatos do cotidiano. Seu legado não para por aí. Foi também professor, juiz, advogado e um dos fundadores da Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB), além de membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Natural que sua morte, ou seu desencarne, no dia 6 de janeiro deste ano, tenha comovido leitores e admiradores de sua obra.

Carlos Romero era espírita e escreveu livros sobre essa doutrina. Mas também escreveu livro sobre o Papa e era admirado por nomes de outras religiões. Como o Pastor Estevam Fernandes, da Igreja Batista, que o considerava um intelectual de primeira grandeza, ser humano de rara precisidade. “Dono de um currículo invejável, homem do Direito e das letras, intelectual, pensador, cronista, dentre outras qualidades, possuía um estilo elegante e, ao mesmo tempo, profundo de escrever, com especial habi-

lidade em abordar as questões que permeiam o sagrado terreno para onde convergem temas tais como as vivências religiosas e a condição humana, demandas da alma e de experiências da fé. Sua percepção espiritual era uma amálgama que envolve crenças, reflexões e ações práticas, não se esgotando, portanto, na experiência mística pessoal, nem se restringindo a uma religiosidade confessional que esbarra nos limites dos templos. Trata-se de uma espiritualidade que se realiza, sobretudo, nas lutas do coti- ▶

Carlos Romero e a esposa
Alaurinda Padilha



▶ diano, onde os dramas da vida acontecem e são expostos, onde as pessoas reclamam por uma fé que lhes traga respostas, alento e esperança”, comentou.

Germano Romero, arquiteto de renome e filho do escritor, se emociona ao falar do pai:

- Feliz de quem teve oportunidade de nascer dum homem como ele. E como sabemos que o exercício da convivência com os semelhantes é a primeira experiência que todo animal tem na vida, quando são testados os graus de afinidade, capacidade de tolerância, compreensão, é sobretudo na família que essa prova se inaugura. No início desta encarnação logo vi que tal convivência para mim seria fácil e proveitosa, pois que a família toda era uma afinada orquestra dentro da casa, que sempre foi um doce lar. Além da harmonia, a amizade com o cronista foi rendendo muita coisa boa. O amor pela música, a filosofia espírita, o convívio com os livros... eita como era bom borboletear por seu gabinete, a imensa biblioteca cheia de enciclopédias, inclusive o nosso *Tesouro da Juventude...* E foi bacana crescer junto dele, constatando que dentre todos os que tive, e tenho, ele sempre foi o meu maior amigo. Não há coisa mais valiosa no mundo do que um verdadeiro amigo, principalmente o que você tem certeza que só quer seu bem, e que faria tudo na vida para vê-lo feliz.

E acrescenta:

- Mais valioso é quando esse amigo lhe ensina. Não um ensinamento prosaico, teórico, parvo, e sim com exemplos e lições de viver. E como ele costumava dizer que não se evolui sem leitura e viagens, foi justamente através dessas duas práticas que mais aprendi consigo: Lendo-o e viajando com ele. Foram muitas, por vários países, até

do outro lado do mundo, onde dia é noite e a aurora é boreal. Andamos de pés juntos, de braços dados, de cadeira de rodas, sempre protegido pelo amor incondicional da amada “boadrasta” Alaurinda, sua Lau, sua bonequinha, que cuidava dele incondicionalmente carinhosa, como esposo, como pai e como filho. Embora tenha perdido a conta de quantas andanças fizemos além do Atlântico, não perderei jamais a fé em que, um dia, faremos mais outras viagens. Desta vez, com a velocidade do pensamento e a leveza do espírito. Até breve, papai!

O jornalista e poeta Walter Galvão testemunha esse relação afetuosa entre Carlos e Germano, pai e filho:

- Carlos foi pai modelar. Um marido apaixonado, profeta da leveza, que se fez peregrino do afeto, a quem me habituei a chamar de “O Cronista”. Amigo de uma legião. Legião de amigos da qual foi líder, cultor e mentor da doutrina espírita. O apólogo de ciclos infintos de ressurreição e transmigração progressiva da alma. Alma rumo ao bem total

indefinível para nós aqui aprisionados na matéria animada por sopro criador. Do destino. Do acaso. Do divino. Não sou espírita. Mas aprendi com ele sutilezas dessa forma transcendente de vivenciar o ciclo da vida. Da vida espiritual. Nesse ciclo, a morte é um acidente renovador no percurso de esclarecimento da nossa essência liberta do peso da aparente perda da vida.

Maria das Graças Santiago observa que Carlos Romero partiu como se tivesse ido para mais uma das tantas viagens que costumava fazer com o filho Germano e com Alaurinda:

- Desta feita sua bagagem foi bem maior, mas, paradoxalmente, muito mais leve. Conduziu consigo um mundo de coisas boas que fez cá na terra. Levou as belas crônicas que escreveu e a evangelização permanente praticada através da escrita, da palavra e da ação. Carlos Romero era um homem que sabia ouvir, coisa rara nos dias de hoje. Conseguia ouvir a fala das pessoas, o sussurro do mar, o farfalhar das árvores, o gorjeio dos pássaros, a voz da natureza. Mais do que ouvir, acho que ele conseguia

conversar com toda a beleza existente no universo. Sabia com o poucos escutar ▶



Carlos Romero ladeado pelos filhos Carlos Romero Filho (à esquerda) e Germano Romero

► a boa música e foi numa destas audições que encontrou e apaixonou-se por uma violinista da nossa orquestra sinfônica e que veio a se tornar a sua musa derradeira. Sendo um esteta Carlos amava o belo, daí ter escolhido para participar da sua vida, Carmem, cuja formosura era notória e que lhe deixou como legado seus dois filhos e depois descobriu Alaurinda, não menos bela e admirável, que também o amou e foi por ele amada tornando-se a inseparável companheira de todos os momentos. Alaurinda foi nominada como “boadastra” pelo seu filho Germano modelo tangível de dedicação e amor pelo pai. Aliás, o amor foi a tônica da vida do meu amigo que espalhou este sentimento por onde passou com a serenidade, elegância e bom gosto que marcaram os seus dias.

Já o crítico e poeta Hildeberto Barbosa Filho atesta que Carlos Romero era a medida mesma da gentileza, da receptividade, do bom convívio, sempre pautado pelo olhar humano e afetivo para com as coisas e para com os seres, não importando as distinções de classe, as aparências sociais, credos e ideologias. O bom senso, a leveza, a suavidade, a educação, a espiritualidade e a sabedoria dos simples. E destaca ainda:

- Cumpria seu papel como poucos, fundado sobretudo na capacidade de compreensão, na disposição permanente de estimular e de orientar seus pupilos com aquela paciência típica dos genuínos pedagogos. Nunca o vi aborrecido, de testa franzida, irritado. Ao contrário: sempre sereno, de bom humor, atento à textura melhor das coisas, à partitura boa das músicas da vida. Jornalista, fez de quase tudo, e o fez com a habilidade dos que são, de fato, do ramo, principalmente no âmbito do jornalismo cultural. Carlos é o cronista do tempo, o cronista da natureza, o cronista do cotidiano, o cronista da cidade, o cronista das viagens, o cronista da vida e das “lições de viver”. Lições que são terapias líricas sobre o amor, o mar, a felicidade, o universo, a vida, a morte, enfim, tudo que compõe o enigma e a beleza da existência em

BIOGRAFIA BÁSICA

Carlos Romero é autor, entre outros, dos seguintes livros e plaquetes: *A outra face de Beethoven* e *O milagre de Anchieta*, ambos conferências proferidas na Sociedade de Cultura Musical e na Faculdade de Direito da Paraíba, respectivamente; *A dança do tempo* (crônicas); *O Papa e a mulher nua* (crônicas de viagem); *Lições de viver* (crônicas); *Viajar é sonhar acordado* (crônicas de viagem); *Meu encontro com Kardec* e *A Falência no Direito Brasileiro*. Bacharel em Direito, o escritor e jornalista era filho de José Augusto Romero e Maria Pia de Luna Freire. Carlos Romero foi casado em primeiras núpcias com Carmen Coeli e em segundas núpcias com Alaurinda Padilha. Do primeiro matrimônio nasceram os filhos Carlos Augusto Romero Filho (professor de Física da Universidade Federal da Paraíba - UFPB) e Germano Gouveia Romero (arquiteto). Carlos Romero (pai) foi professor da UFPB, juiz de Direito, vice-presidente da Federação Espírita Paraibana, sub-chefe da Casa Civil no Governo de Pedro Gondim, diretor da Rádio Tabajara, membro do Conselho Estadual de Cultura, um dos fundadores da Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB) e, também, do “Correio das Artes” - suplemento literário, do qual foi editor, de **A União** - e colunista deste jornal e do *Correio da Paraíba*, além de membro da Academia Paraibana de Letras (APL), onde ocupava a Cadeira nº 27.

sua topografia singular. Isto, tenho certeza, não acaba. Não passa. Fica, e ficando, pode ser reinventado no compasso solitário e silencioso da leitura. “A vida que está aqui entre nós há também em outra dimensão”, ensinou o mestre Cronista em sua trajetória exemplar de ser humano.

Carlos Romero foi não apenas

um grande cronista, um grande jornalista, um grande ser humano. Foi, também, um grande incentivador de jovens escritores. Como o desse escriba, que em meados dos anos 1980 escreveu a Carlos Romero falando de seus sonhos de ser poeta e pedindo conselhos. A resposta em forma de carta, guardada com carinho até hoje, foi imediata e plena de incentivos ao jovem pretense poeta. Em sua homenagem, deixo aqui as palavras de outro grande jornalista sobre Carlos Romero, também espírita, Hélio Zenaide (*in memoriam*):

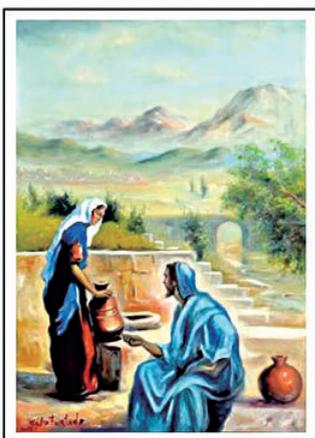
- Conheci Carlos Romero desde o começo, desde os seus primeiros passos na crônica paraibana. Quero abarcar, por isso, o Carlos Romero além dos livros, nas partes e no todo de sua obra intelectual. No começo, foi o esforço de libertação da influência de fora, de libertação dos outros, ser ele mesmo. A família quer imprimir o seu molde. A sociedade quer imprimir o seu molde. Todos querem imprimir o seu molde. Ele queria libertar-se das imposições da mente coletiva, fazendo desabrochar a mente individual. O ego é geralmente o outro dentro de nós. Carlos queria o lugar do outro dentro de si, para si mesmo. Foi, depois, corrigindo as distorções da individualidade e assimilando valores mais altos, valores universais. Era, agora, mais que individual, um ser universal. Saiu da tribo, ultrapassou a família e os horizontes do nacionalismo e galgou o degrau da mente universal. Tornou-se um viajante do tempo e do mundo, trazendo até nós, com a beleza do seu estilo e da sua estética, as belezas do tempo e do mundo. Na maturidade Carlos orienta os seus passos na busca de um sonho maior. Cada vez mais parecido consigo mesmo perto da forma da essência do seu eu superior, busca chegar à última etapa da evolução terrestre: a mente crítica. Vai em frente, irmão! ✦

Linaldo Guedes é jornalista e poeta. Nasceu em Cajazeiras e mora em João Pessoa (PB). Como jornalista, atuou nos principais órgãos de comunicação da Paraíba e foi editor do *Correio das Artes*. Lançou, entre outros livros, *Os zumbis também escutam blues* e outros poemas, *Tara e outros otimismo* (poesia) e *O nirvana do Eu* (ensaio). E-mail: linaldo.guedes@gmail.com.

Espírito de Ovelha

Carlos Romero

CARLOS ROMERO



O Evangelho Nosso de Cada Dia



Começo en-
gatilhando a se-
guinte pergunta
ao leitor: se, num
cercado, estiverem
dez ovelhas, e uma de-
las conseguir pular o cer-
cado, quantas ovelhas fica-
rão? Certamente responderá
o leitor, muito entendido em
aritmética: “ora, cronista, resta-
rão apenas nove”. Errado, leitor!
Você pode saber de aritmética, mas
nada sabe de ovelhas... Pois fique sa-
bendo que, quando uma ovelha pula
um cercado, as outras a acompanham...
Ovelha é bicho muito besta.

Ora, ora! Acontece que há muita gente
por aí com espírito de ovelha. Não tem von-
tade própria. Está sempre seguindo a maioria.
Acredita em tudo o que os outros dizem. Pos-
suem cabeça, mas a usam. Sua vontade é a vontade
do pastor. A propósito, narra o Evangelho que,
certa vez, Jesus estava olhando a multidão indo pra
lá e pra á e teve pena dela, pois lembrava ovelhas sem
pastor. Acontece que o pastor aí não é uma pessoa, mas a
consciência. Muita gente pensa que pensa, mas não pensa.
“Vai na onda”, não reflete, não examina, não sabe escolher. É
a chamada “Maria vai com as outras”. Paulo de Tarso ensinou
que devemos examinar tudo e escolher o que for bom. Veja bem:
examinar tudo. Todavia, o espírito de ovelha não sabe escolher
por conta própria. Deixa que o líder religioso escolha por ele. Ah,
leitor amigo, haverá maior subserviência do que isto? Lembrar que
quem não escolhe por si não tem responsabilidade na escolha feita.

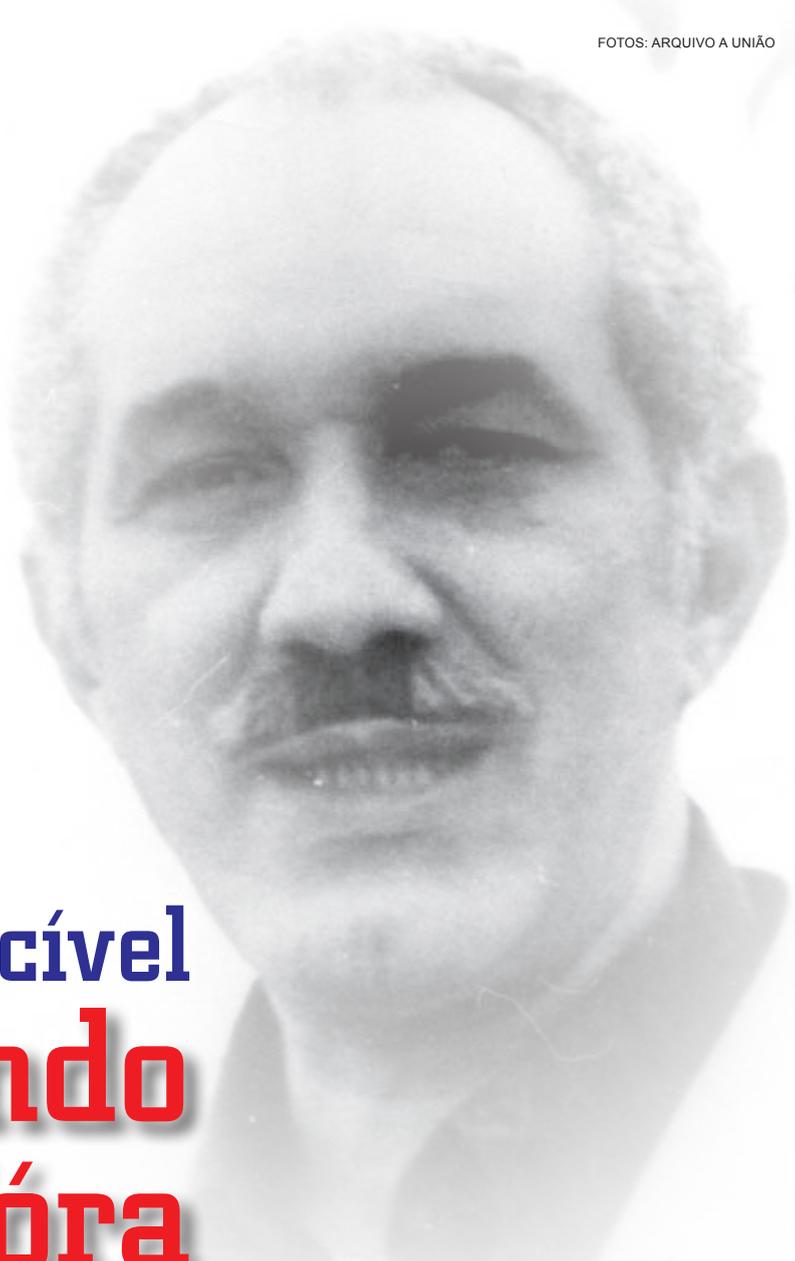
Estamos constantemente abdicando do ato de escolher. Que vergo-
nha! Não seja ovelha, leitor. Tenha vontade própria. Não abdique desse
privilegio que é dado ao homem. Não se deixe levar pela maioria, não seja
um ser passivo diante da televisão, aceitando tudo que dela sai. Seja um ser
pensante. Use com sabedoria o seu poder de escolha...

Que a criança ou o idiota sejam manobrados, está muito bem. Mas você, não!
Examine tudo e escolha o que for bom. Use esta coisa maravilhosa que se chama
discernimento. Ora, discernir é escolher bem, e escolhe bem quem usa de sabedoria.
E a sabedoria vem do conhecimento. Daí a importância do estudo. Não tenha medo de
pensar por você mesmo.

Há muita gente por aí com o espírito de ovelha. Veja se a raposa ou a serpente vão na
onda. Até mesmo com relação à moda, é preciso certo bom-senso. Eu jamais vestiria uma
calça desbotada e esfarrapada, somente porque é moda... E não me venha dizer que é uma
questão de idade. Minha mãe, com seus noventa anos, nunca deixou de usar um vestido todo
colorido. Valia a sua vontade. E com esse ânimo, ela atravessou os cem anos, sorrindo. Dizia
sempre: “a moda quem faz sou eu”.

Nada, pois, de viver sem reflexão. Nada de espírito de ovelha.

(Do livro *O Evangelho nosso de cada dia*, A União Editora, 2016)



O inesquecível Raymundo Asfóra

José Mário da Silva
Especial para o *Correio das Artes*

*Para Ricardo Soares, erudição e elegância
na superior ensaística que produz.*

Mais que a exuberância das suas paisagens, o brilho sedutor da sua opulência arquitetônica, a força realizadora das suas potencialidades econômicas, ou quaisquer outros fastígios garantidores da sua particular fisionomia humana e estética, uma cidade avulta e se pereniza pela grandeza dos seres que a habitam; e por cujas ações preñhes de operosidade e energia, criadoras, a cidade se agiganta, se ilumina e se perpetua no imaginário coletivo, configurando-se, pois, numa afetuosa mistura de tempo, história e eternidade.

É assim com todas as cidades, personagens protagonistas das plurais poéticas da contemporaneidade, recorrente motivo e infaltável componente do romance da travessia humana em sua indeslindável interação com os espaços que lhes são conferidos para habitação.

É assim, de igual maneira, com a nossa amada e

sempre Grande Campina, notadamente, pela dimensão altaneira dos vultos que compuseram e compõem a sua diegese íntima, a exemplo do inesquecível Raymundo Yasbeck Asfóra, bravo e leal forasteiro, cearense de nascimento, mas campinense de coração, filho amado desta terra, a qual, em todo o vasto alcance do seu ser/fazer, serviu, com unção roçante da mais fervente religiosidade, em todas as áreas em que atuou fazendo, sempre, do inegociável bem público, o seu mais perseguido e indeclinável compromisso ético e objetivo cidadão.

Raymundo Yasbeck Asfóra é código onomástico que impõe respeito, é signo coletivo numeroso e multiplicado, para cuja adequada apreciação faz-se necessária uma hermenêutica aberta, pluridimensional, a única capaz de dar ▶

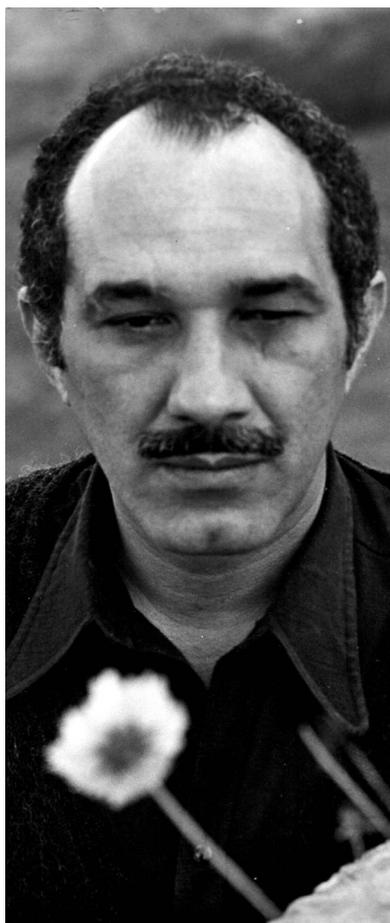
► conta de personalidade tão rica e diversificada, matéria prima para as novas gerações, inexaurível tesouro para alentadas pesquisas.

Por qualquer ângulo que se examine a exponencial figura de Raymundo Asfóra, ganhará, indubitavelmente, relevo, dentre as muitas passíveis de serem fartamente encontradas: a imagem do refinado cultor da linguagem em estado de estesia, do primoroso esteta da palavra, do poeta em tempo integral, sempre pródigo em demonstrar, nas memoráveis formulações verbais produzidas, que, efetivamente, conforme preconizava Rui Barbosa: “a inteireza do espírito principia no escrúpulo para com a linguagem”, daí que os seus arrazoados constituíam-se, sempre, num admirável conúbio entre o bem pensar e o bem dizer.

Raymundo Asfóra foi um consumado mestre da arte tribunícia, do culto à oratória em tonalidade elevada, e na acepção semântica mais rigorosa a recobrir essa arte-ciência tão nobre e, ao mesmo tempo, tão combatida nos tempos do agora, sobretudo em face da tarefa demolidora levada a efeito pelos iconoclastas modernistas de mil novecentos e vinte e dois, ávidos por despirem a palavra literária da monumentalidade altissonante hegemônica pelos arautos do parnasianismo mais ortodoxo.

A intenção foi boa, mas o gesto tingiu-se de formulações conceituais demasiadamente generalizadoras; e, nunca é demais lembrar, toda generalização é perigosa, injusta e inconsistente do ponto de vista teórico. A retórica, conforme doutrina o enciclopédico pensador francês Roland Barthes: “reúne todas as formas sociais do dizer”. Assim, ignorar tal aspecto do discurso e dos peculiares modos do dizer oral, e jogá-lo na vala comum daquilo que Antonio Candido chamou de mero estilo maçante e roncante, que é a retórica em seu mau uso, é um rematado equívoco. Vieira, Euclides, dentre tantos outros, até mesmo o nosso genial Machado de Assis, são clássicas ilustrações da manifestação da retórica em clave superior.

No livro da retórica, a Paraíba comparece com grandes capítulos e brilhantes personagens:



Raymundo Yasbeck Asfóra (1930-1987) nasceu em Fortaleza (CE), mas teve destacada atuação na Paraíba

Nos emblemáticos discursos proferidos por Raymundo Asfóra (...), à exatidão dos conceitos aduzidos plasmava-se o convincente poder da poesia, que transcende a imediaticidade do fato concreto evocado.

Vital do Rêgo, Ronaldo Cunha Lima, Osmar de Aquino, Alcides Carneiro, Félix de Souza Araújo, Félix Araújo Filho, Argemiro de Figueiredo, José Américo de Almeida, Amaury de Vasconcelos, dentre outros hábeis cultores da arte da palavra.

Em meio a esses gigantes, Raymundo Asfóra despontou como um dos mais abalizados, aquele em cuja retórica, ritmo, conceito e imagem, de conformidade com os postulados teóricos de Ezra Pound ao referir-se ao fenômeno poético, acasalavam-se de maneira realmente admirável, isto é, o que se dizia e o modo como se dizia instauravam os vetores da superior literariedade.

Nos emblemáticos discursos proferidos por Raymundo Asfóra, a exemplo dos que consagrou ao falecimento de Severino Bezerra Cabral e ao assassinato de João Pedro Teixeira, líder camponês, à exatidão dos conceitos aduzidos plasmava-se o convincente poder da poesia, que transcende a imediaticidade do fato concreto evocado e, ato contínuo, o transporta para os transcendentais territórios da universalidade. Seria o caso de convocarmos a parceria de Carlos Drummond de Andrade, que em lapidares versos sentenciou: “tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo”. Sentimento do mundo que Raymundo Asfóra, como um autêntico produtor de linguagem, diria Eduardo Portella, exibiu em seus candentes pronunciamentos. No discurso dedicado a Severino Bezerra Cabral, avultou a tópica da imorredoura saudade do legendário “pé de chumbo”, enquanto no que se direcionou a João Pedro Teixeira, o que emergiu foi o visceral signo da liberdade e da vida, em contraposição à opressão e à morte, conduzidas pelo braço armado e feroz do latifúndio.

Raymundo Asfóra era um tribuno que se agigantava no espaço libertário da praça pública, cuja arte da improvisação se refinava e engrandecia em contato com o povo, sua paixão indesejável e seu interlocutor privilegiado. Enfim, a oratória de Raymundo Asfóra encantou a Paraíba e reverberou para bem além das fronteiras geográficas do nosso Estado, granjeando, meritória- ►

mente, os aplausos e o justo reconhecimento do país.

Tribuno consagrado, Raymundo Asfóra configurou-se, também, no laureado professor de direito penal da Universidade Estadual da Paraíba, tendo formado, de acordo com o depoimento dos que tiveram o privilégio de ter sido o seu aluno, inúmeras gerações de advogados, que tiveram no grande mestre, o autor de eloquentes e decisivas lições.

Boêmio inveterado, que permutava, deliberadamente, a noite pelo dia, Raymundo Asfóra era presença obrigatória em alguns bares e restaurantes de Campina Grande, nos quais, ao lado dos seus fiéis e incontáveis amigos, aos quais devotava lealdade incondicional, recitava poemas, criava literatura e entabulava a difícil, mas fascinante e necessária, arte-ciência do cultivo da alteridade, dado que com Eduardo Portella aprendemos que “somos um ser para o outro e fora do diálogo o que existe é o precipício”.

Parte dessa convivência vivida na ambiência lúdica da Flórida foi cartografada, de acordo com informação prestada por Antonio Lima Simões em seu ótimo livro: *ASFÓRA EM NOITE E VERSO (Lances de vida e poesia)*, liricamente, por Raymundo Asfóra, num texto intitulado *BACURAU*, publicado no Diário da Borborema, no qual se evidencia o talento de Raymundo Asfóra para o cultivo do delicioso e autenticamente nacional gênero literário chamado crônica.

No tribunal do júri, na Paraíba e fora dela, Raymundo Asfóra pontificou como um exímio conhecedor do direito penal, um argumentador emérito, que com singular destreza esgrimia as suas teses, não raro demolindo as que eram sustentadas pelos oponentes de ocasião.

Político respeitado e infrangivelmente comprometido com as causas populares que abraçava passionalmente, Raymundo Asfóra foi irretocável paradigma comportamental de homem público, sobretudo pela rigorosa honestidade exibida no trato com o dinheiro público.

Óbvio que a honestidade deveria ser o traço seminal do homem público, mas, infelizmente, en-

tre o ideal e o real interpõem-se abismos quase intransponíveis; e, na realidade concreta da classe política brasileira, a honestidade, lamentavelmente, tem se tornado uma exceção, e não uma regra, que o diga o crescente número de políticos, de todos os partidos e colorações ideológicas, envolvidos em toda sorte de práticas, digamos, antirrepublicanas.

Defensor intransigente de Campina Grande, da Paraíba e do nordeste em sua integralidade, Raymundo Asfóra foi uma voz que ressoou forte na tribuna do Congresso Nacional, sempre vigorosa e firme na defesa dos lídimos interesses do povo brasileiro. Como diria Vital do Rêgo, Raymundo Asfóra conferiu dignidade aos mandatos que lhe foram outorgados pela livre e consciente decisão do povo paraibano.

Orador que embevecia as multidões; jurista que amealhou fama nas lides forenses; e político que enobreceu o parlamento nacional, Raymundo Asfóra foi, sobretudo, um magistral poeta: artífice poderoso de versos emblemáticos e de poemas sumamente belos, tanto em sua escoreita compleição formal e fatura estilística, quanto na substância humana neles impregnada.

Sonetista impecável, Raymundo Asfóra esculpiu, ora em versos sáficos, ora em versos heroicos, poemas habilmente consorciadores de três componentes fundamentais do texto lírico: o ritmo, a imagem e o conceito, os quais em suas mãos eram trabalhados com o fino labor do joalheiro, tudo, bem urdido e correlacionado, em poemas tingidos por ostensiva dicção simbolista, densa, por vezes hermética, adornada por atmosfera cheia de presságios, ambiguidades, tessitura maviosa de mistérios, música sibilina a evocar estranhos fenômenos da existência.

Como elemento constatativo do juízo crítico que estamos a expender, veja-se o belo soneto: “Sombra”, em cujo estuário, quase roçante da fantasmagoria noturna, emergia: “A criança correndo atrás da sombra do pai morto”. Aliás, quase um leit motiv, a figura do pai reaparece no poema “Visões”, com a mesma tonalidade elegiaca presente no poema

anteriormente citado: “a face de meu pai, aquela fria/ névoa, estática, no ar... O lusco-fusco/ abria a madrugada, como um túmulo!”.

No poema “O Gesto”, a coreografia de contrários que perpassa do texto, o ancora no porto de uma poética visceralmente barroca, cindida ao meio, voltada para conciliar o aparentemente inconciliável: o passado vs. o futuro; a claridade vs. a escuridão; a eternidade vs. a efemeridade.

A dicção existencial confere régua e compasso ao poema “Projeto”, no qual, portando incomum habilidade técnica, o poeta mobiliza o recurso do cavalgamento, por meio do qual vai fiando e desfiando um pensamento poético cheio de cuidadosa sutileza verbal, cujo arremate reafirma o anelo perseguido pelo eu-lírico: “Quero plantar meu tempo neste espaço! Como um homem constrói a sua casa, construa-se a si mesmo e nele habite”.

No poema “Caos”, a tonalidade surreal, a meu ver, dialoga, intertextualmente, com o universo poético engendrado pela insólita lírica do genial Augusto dos Anjos, que o diga a torrencialidade de imagens que desrealizam o real, ao mesmo tempo em que instauram o poético em estado puro e encantatório.

Raymundo Asfóra compôs uma poesia densa; grávida de inescandíveis acentos metafísicos e permanentemente inquiridora do fenômeno humano em seus fascínios e mistérios, sobretudo o mais enigmático de todos eles: a morte, estação final e inevitável das peripécias humanas engendradas no impuro palco da história.

Plural em seus multiplicados fazeres cotidianos, Raymundo Asfóra cujos méritos o fazem arrebato para a imortalidade, fez história e é história nas cenas e cenários de Campina Grande. Raymundo Asfóra: memória viva e legenda luminosa nos céus de Campina Grande. ✦

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL) e da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG). Mora em Campina Grande (PB).

Sonho e pesadelo

EM FORMA DE VAPOR

Gledson Sousa

Especial para o *Correio das Artes*

Q

ue a literatura exerça um grande poder sobre nossa sensibilidade isso é um fato mais que reconhecido, é algo que já faz parte, de uma ou outra maneira, do senso comum. As redes sociais estão recheadas de citações baratas de como tal livro ‘mudou minha vida’, e ainda que tais citações sejam genéricas e anódinas como quase tudo nas redes sociais, elas não perdem seu valor de verdade, que é de revelar o impacto da obra escrita sobre a psique individual e coletiva.

Isso tudo à maneira de preâmbulo para relatar as *estranhas experiências* (usando o título de outro livro, do Cláudio Willer) que uma leitura recente provocou nes-

FOTO: MARIANA IGNATIOS



Professor e poeta
Wilson Alves-Bezerra, autor
de *Vapor barato*
(Illuminuras, 2018)



se leitor-autor, ao ponto do incômodo de ter de relatar o percurso da leitura e os acontecimentos que se originaram com o livro *Vapor Barato*, de Wilson Alves-Bezerra (Illuminuras, 2018).

Tudo começou com um convite do Cláudio Willer, que dispensa apresentações. No meio da semana, Willer me dissera:

– Quero que você conheça alguém. Sábado terá o lançamento do novo livro do Wilson Alves-Bezerra e queria que você fosse comigo para conhecê-lo.

Sábado, 24 de novembro de 2018: cheguei atrasado ao lançamento, porque por alguma razão, confundira os horários – Willer avisara que começaria às 16 horas e minha mente interpretou que seria às 18. Quando cheguei, consegui comprar o livro, fui apresentado ao Wilson, trocamos impressões, telefones, etc. Saí da Casa das Rosas, andamos ainda pela Paulista, Willer foi para outros destinos e eu e minha filha fomos para casa. E logo comecei a ler.

O livro, escrito na forma de longas sessões de análise do personagem principal (sem nome) com seu analista (também sem nome), trata das angústias desse personagem frente ao Brasil que se desenhou nos últimos anos, e que culminou na eleição do senhor presidente Bolsonaro (cujo governo nem começou e já está envolvido em denúncias de corrupção).

Passei a madrugada lendo. O livro facilitava a tarefa. Pouco mais de cem páginas, mas denso como uma espada afiada, quanto mais lia sentia crescer minha angústia ao vê-la retratada fora de mim, ao mesmo tempo em que à angústia se misturava uma sensação de alívio, por ver que partilhava um sentimento comum e que se outros milhares sofriam do mesmo sentimento, talvez algo pudesse se originar a partir dali.

Na voz do analisando, ouvi ▶

► queixas que poderiam ser minhas, a sensação de sufocamento frente a um país em que cresceu o discurso do ódio, o apelo à força bruta, a justificação para toda desigualdade e dominação, tudo isso travestido como apelo à verdade, contra a corrupção e a decadência dos costumes.

Não se tratava somente de queixas e lamúrias, mas de como nossa subjetividade está marcada pela política, pelo ambiente social, de como estamos entranhados ao mundo, mesmo quando lutamos contra ele. Nem era somente uma questão de acharmos uma voz em meio ao deserto, mas que o deserto fosse assumido com plenitude, de que ambos, leitor e escritor, estivéssemos imersos no mesmo pesadelo em meio a fuzis, ameaças e a retórica pobre, defasada, da nossa direita canhestra e poderosa.

Num primeiro momento, fiz um poema, também chamado “Vapor Barato”, onde reuni, de forma imaginária, todos nós que lutamos contra a ordem, pelo sonho, pelas liberdades, pela beleza, porque a reação ao livro se manifestou primeiro na forma de um desabafo poético. E aí sim era dizer: puxa vida, ele (o Wilson) está falando por nós, está dizendo aquilo que não conseguimos verbalizar, tão denso se tornou o ambiente político, tão contaminadas se tornaram todas as discussões.

E se, no dizer da personagem, o único ambiente livre que nos resta é o consultório do analista, ao externar o consultório à disposição de todos nós, *Vapor Barato* dizia por nós o que ficara entre quatro paredes.

Muito a dizer e muito a pensar. O livro desmascara essa ficção de nação, como diz o personagem, e esse desmascarar, esse por a nu o rei, sempre deitado em berço esplêndido, não deixa de ser um espetáculo doloroso. Nunca, talvez, estivemos num transe histórico tão difícil quanto agora, mas se a verdade possui algum valor, e acredito que ela possua, só podemos crescer como país reconhecendo nossa face violenta, desigual, misógina, repressora, não para enaltecê-la, mas sim para procurar formas de superá-la.



*Claudio Willer,
autor de Estranhas
Experiências (Rio de
Janeiro: Lamparina,
2004)*

Num ensaio genial publicado no início do século XX, *A Negação*, Freud já percebera como que a negação, nas sessões de análise, trazia à tona justamente o que se queria esconder, sendo a negação uma espécie de afirmação envergonhada, escondida, inconsciente de si. Diz Freud:

A negação é um modo de tomar conhecimento do reprimido; na verdade já um levantamento da repressão, mas naturalmente não a aceitação do reprimido. Aqui se pode ver como a função intelectual se dissocia do processo afetivo.

Parece que nas palavras de Freud ecoa boa parte da nossa história: quando negamos intelectualmente o racismo (penso nas conversas sobre democracia racial) estávamos já a dizer, de alguma maneira, somos racistas; quando pensamos em nós como gentis e cordiais, estávamos a dizer como somos violentos, e assim por diante. O que negávamos era nossa mais profunda realidade, aquilo que afetivamente não tínhamos a coragem de admitir, e ainda assim, essa afirmação só se deu pela via negativa, que a perspectiva freudiana nos ajuda a compreender.

Quando o livro começa, a personagem pensa em sair do país, e ao longo do livro se decide a ficar, pois se reconhece ligado ao seu lugar de origem e resolve

enfrentar o que aqui vier. Isso não acontece de maneira pacífica, mas entre pesadelos, crises de ansiedade, estresse.

Enquanto eu lia, fui contaminado, no bom sentido, pelas mesmas perguntas, porque o livro ecoava o que estava em mim. Numa certa altura, o personagem tem uma visão/pesadelo com uma entidade demoníaca a controlar o país, Xalupa Dreckmann, que fiquei pensando tratar-se de algum anagrama.

Procurei uma máquina de anagramas e coloquei o nome Xalupa Dreckmann a ver se encontrava algo, mas não descobri nada; de imediato (continuo tentando). Fiquei a imaginar que por trás daquele nome, que o autor confessou-me não ser um anagrama, escondia-se uma verdade terrível, que a alta sensibilidade do autor captara sem imaginar exatamente o quê, e desdobrei-me em exercícios anagramáticos, qual Saussure ao ler poetas latinos, sem que chegasse a algum resultado, a não ser dormir com o livro nas mãos pensando naquele nome infame e ter um pesadelo, onde uma criatura nefasta, demoníaca, me aprisionava e tentava me matar e ela tinha a ver com todo o mal engendrado nos últimos tempos. Acordei suado, me sentindo sufocado. Achei melhor afastar o livro de mim naquela noite.

É estranho relatar isso. Livros sempre me impactam, seja de maneira mais reflexiva, racional, ou pela via onírica, emocional. Consigo visualizar o impacto que me causou obras como *Campo Geral* (do *Corpo de Baile*, de Guimarães Rosa), *Nadja* e o *Arcano 17*, de Breton, ou mesmo *Crime e Castigo*, de Dostoiévski. Mas aqui era algo muito mais pessoal. Nas longas digressões do personagem, naquelas sessões lacano-socráticas estava em jogo muito mais, estava em jogo um inconsciente histórico, estava em jogo nossas almas num presente imediato de dores e angústias, estava em jogo o que fazer, o que somos, o que seremos, o que fizemos de nós.

Sonho e pesadelo em forma de vapor. Lembrei-me e fui atrás de ouvir novamente a bela canção ►

► de Jards Macalé e Waly Salomão, na inesquecível interpretação de Gal Costa, no show *Fatal: com minhas calças vermelhas / meu casaco de general, cheio de anéis...* “Vapor barato” falava da fuga de outro horizonte opressor, aquele dos tempos da ditadura, dos chamados anos de chumbo, de outros ares irrespiráveis, densos, doentios, tal como agora. É uma amarga e difícil ironia da história que estejamos novamente em meio a esse círculo vicioso, de uma sociedade que sempre dá inúmeros passos atrás para permanecer onde está, onde as elites desejam, e onde uma classe média, sempre assustada, sempre correndo em busca de ídolos, prefere estar ao lado do discurso da ordem, no lugar da diversidade, ao lado da força, no lugar da criatividade, ao lado da desigualdade, no lugar da partilha.

Ao longo da leitura, que foi quase exegética, fiz marcações diversas, ao sabor da minha subjetividade. Destaco alguns trechos do livro que me marcaram:

Faz uns dias parece que eu acordei em outro país (p. 8)

Eu não tenho mais bandeira. Cada dia que passa eu tenho mais vergonha da bandeira que eu tinha (p.9).

Mas a história não se repete. A história se degenera. Não há novidade não há melhora. Só um arremedo pior, mais cínico, transmitido em full HD. Higiénico como tudo hoje em dia (p. 12).

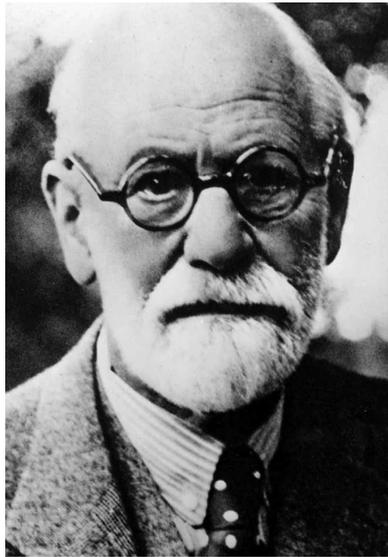
(...)É a hipótese de uma fala que me desaliena. (...) Ter uma fala hoje significa já ter perdido tudo, menos a capacidade de dizer. Algo pode advir daí (p. 27).

O que vou propor é ridículo, mas se fosse possível, preferia que você curasse o país, não a mim (p. 36).

Não tenho falado de outra coisa. O impulso por fugir não é senão a sensação de que o xerife vai chegar e dizer que a cidade ficou pequena demais para nós dois... (p. 66). Anotei ao lado: olhos e línguas arrancados foi essa a frase que surgiu em mim, quando li esse trecho em meio a uma ensonação no meio do ônibus...

Minha cabeça será cortada (p.68).

A metáfora é um bando de homens velhos e brochas buscando potência nas armas (p.79)



Sigmund Freud:
“A negação é um modo de tomar conhecimento do reprimido”

O presidente é um covarde que sempre acreditou na ilusão do poder. O que ele não sabe é que os chacais ainda vão poder alcançá-lo (p. 83).

O que me adoce é a anormalidade no que vejo e a normalidade no que dá o corpo à sociedade (p.89)

Eu, que nunca tive religião ou partido, agora corro o risco, ainda por cima, de perder até a possibilidade de ter um país para votar. Eu vou morrer em pé, meu caro alienista, odiado por todos, os da direita e os da avessa, desviando de milico e de adesista, de terrorista e de evangélico, de corrupto e de leniente. Para mim já deu! (p. 95).

Sabe o que me assusta? Sabe? É que Hermes Trimegisto, o Hermes, o Três vezes Cristo, o três vezes grande, ele já disse que o que está em cima equivale – mas não equaciona – ao que está embaixo, e que isso não é bom, não, isso pode ser a ruína (p. 99) – nunca pensei nessa possibilidade quanto à Tábua de Esme-

ralda, o texto atribuído à Hermes ao qual a personagem se refere. Uma analogia do desespero?).

(...) Sou um homem contemporâneo, de vigor físico, ideias, personalidade do meu tempo, e que se descobre num beco, e que não consegue se mover dentro do próprio país. Sem direito sequer a se aposentar, sem previdência, sem o desejo de levar adiante a ficção de nação em que se move. Sou um homem amargo doutor (p. 134).

São achados, na peculiar leitura deste leitor-escriva e muito mais se pode extrair de páginas tão ricas.

Numa das cartas de Walter Benjamin a Gershon Scholem, datada de 11 de janeiro de 1940, ou seja, poucos meses antes de sua morte, ele dizia:

Toda e qualquer linha que possamos publicar hoje – por mais incerto que seja o futuro ao qual as transmittimos, é uma vitória conquistada contra os poderes das trevas.

Tornar nossas essas palavras, mais que uma licença poética, é reafirmar o poder da escrita, o qual devemos aos bons livros, às grandes obras. Cabe a elas marcar o presente e transcendê-lo, com sua chama amarga e esperançosa. Quis nossa época que fôssemos partícipes desse presente onde um vapor barato se espalha pelo ar, e expondo nossas feridas quais flores invertidas, nos diz: ainda há esperanças.

Sei que fui por demais pessoal nesse texto, mas não havia maneiras de não sê-lo, se quisesse realmente transmitir a impressão deixada pelo livro. *Vapor Barato* ainda está ao lado da cama, no criado mudo, mas não durmo mais pensando em Xalupa Dreckmann, mas sim que a qualquer hora um velho navio nos levará para algum lugar onde o sol nunca se põe. ❖

Gledson Sousa nasceu em Juazeiro do Norte e reside em São Paulo. É poeta, prosador e ensaísta. Casado, pai de duas filhas e um gato. Formado em História, com especialização em História da Arte. Tem trabalhos publicados no site Triplov (www.triplov.com) e no blog *A Esfera da Manhã*. Publicou *O ovo - Meditações sobre a semântica do mundo* (2004), *A iconografia interior - Kandinsky e a Teosofia* (2014) e *O Livro das Novas Mutações ou O Oráculo da Natureza* (2014), além de participar de obras coletivas, a exemplo de “Presença do feminino no relato dos viajantes”, no livro *Desigualdade no feminino* (2009).



ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO

Os 90 Anos de *A Bagaceira*

Sandra Raquew dos Santos Azevedo

Especial para o *Correio das Artes*

Recebi recentemente o convite para participar de uma mesa redonda comemorativa aos 90 anos do romance *A Bagaceira*, do escritor José Américo de Almeida. A participação na mesa se deu pelo fato de pesquisar na imprensa aspectos da construção social das notícias sobre a estiagem e a comunicação para a convivência com o semiárido.

A obra que só conhecia pelas aulas de Literatura Brasileira, me trouxe grande emoção. Tenho mania por vezes de começar uma leitura pelo fim. O contato pelo texto se deu de trás para frente. Explico: comecei a refletir sobre o romance, a partir da linguagem. O Glossário original do livro, de autoria de José Américo, possibilitou um reencontro afetivo com palavras da infância. Confesso que foi uma emoção poder tocar palavras antes perdidas da ima-

ginação. Embora o livro tenha sido publicado em 1928, aquelas expressões ainda eram muito presentes em meu cotidiano de criança nascida numa cidade do interior da Paraíba. É possível ainda hoje encontrar esse regionalismo bem vivo na linguagem popular, nos sítios, nas feiras, nos bairros, na fala de anciãos e anciãs. Dei risadas ótimas ao pronunciar novamente aquelas palavras, e senti uma emoção boa ao localizar afetivamente algumas. Mas absorta fiquei ao perceber a etnografia constituída pela cartografia da linguagem de nosso povo tão bem descritas por José Américo de Almeida. Expressões do Sertão e do Brejo.

Trouxe muito espanto observar o quanto as palavras emergentes do meu lugar de origem, embora incompreendidas por alguns, são tão cheias de precisão, de sentido encarnado, uma oralidade precisa, uma estrutura de pensamento filosófico. A gente não tem “papas na língua”. Os verbetes trazidos pelo autor demonstram seu compro- ▶

► misso intelectual de tornar visível ao Brasil a variedade linguística que marca a identidade de nosso povo.

Ao ler *A Bagaceira* e refletir sobre o imaginário da seca presente no livro, tive uma certa inquietude ao longo dos dias em que estava imersa na leitura desse enredo espetacular que bate de 10 x 0 muitas séries de TV. Fiquei pensando como a representação do Sertão é algo exógeno. Sou de uma cidade chamada Patos. Só vim me referir ao Sertão quando migrei para o Litoral. Porque ao dizer de onde vinha, sempre alguém dizia: “é do Sertão”. Levei um bom tempo para compreender melhor que ser do Sertão era um marcador de diferença em relação a aspectos econômicos, históricos, políticos, sociais e ambientais.

Não é fácil lidar com o imaginário do Sertão, da literatura ao noticiário cotidiano, a bacia semântica que constitui nossa identidade é para mim bastante complexa. Porque vai do romantismo ao estigma. Vai da clássica afirmação de Euclides da Cunha, “de que o sertanejo é acima de tudo um forte”, vinculado ao significado cristalizado de que a gente suporta, ou tem que suportar tudo como “raça” que difere, como também à constituição da imagem dos “flagelados da seca” enquanto violência simbólica, que imprime no imaginário social brasileiro, lamentavelmente, até hoje, a ideia fascista de que a população do Nordeste é uma “raça inferior”. O que faz vigente nos dias atuais o preconceito e ataques, ainda que sutis (ou nada sutis) contra nordestinos.

Pensei ao ler *A Bagaceira* nos processos de hibridização dos territórios do Sertão e do Brejo, do mundo urbano e rural, das linguagens. Refleti também sobre a mulher sertaneja como um arquétipo, porque a personagem Soledade, na descrição do autor se mostra como livre, intuitiva, uma feminilidade que luta, mas por representar perigo, traição, é subjugada pelos personagens masculinos. As masculinidades descritas encarnam autoridade, valentia, força e racionalidade.

Não é fácil ser mulher, e ser

mulher nos sertões tampouco. No entanto, o arquétipo da mulher selvagem é muito importante, porque é um imaginário que funciona também ao nosso favor. Nos restitui à lógica que envolve liberdade. Marcadas pelos processos migratórios, da realidade do êxodo da população masculina, as mulheres do Sertão logo cedo foram, por força da conjuntura, promovendo fissuras e rupturas no cotidiano com os padrões sociais impostos à identidade feminina.

Muitos destes padrões eram e são de certo modo um engano, uma ficção. Na prática muitas mulheres sertanejas, ricas ou pobres, deram “nó em pingo d’água” e desconstruíram cotidianamente o patriarcado. Assumindo negócios, sendo chefes de família, gerindo propriedades, sendo donas de seu próprio dinheiro, enfrentando a violência física, tapeando os mandamentos da Igreja para assumir o controle de sua vida reprodutiva (tomando chá para menstruar, por exemplo), escolhendo a quem amar, e tantas outras façanhas. Não olho para esse processo histórico de forma romântica, porque essas lutas travadas tiveram seu preço.

Todavia reconheço que esse espírito livre de muitas de nós sertanejas está ligada à trajetória das mulheres que vieram antes de nós. Muitas que não se apartaram da natureza, ao contrário, compreendiam muito bem seus ciclos de sol-chuva, as luas, os ventos.

O Sertão é para mim um signo inacabado, está em aberto. Ainda que as representações sociais dos ciclos de estiagem ancoradas numa visão mítica tentem forçosamente nos encerrar na sequência. Não quero incorrer numa visão romanesca ou dualista para meu lugar de origem. Considero apenas que de fato há uma mística em pertencer a esse lugar, ou melhor, existir entre-lugares. Porque os ciclos migratórios que nos marcam possibilitam a coexistência de outros mundos, sem que a gente se desvencilhe de todos os sentidos desse pertencimento.

Ser originalmente de um lu-

gar denominado também “Morada do Sol” me fez ter uma imaginação muito fértil nutrida por diversas histórias narradas por velhas, uma delas chamada Dona Ana, minha vizinha, contadora de histórias.

Certa vez ao entrevistar uma conhecida proprietária de terras da minha cidade, ela me descrevia que num tempo não muito distante, os homens no delírio de suas farras, ao amanhecer, leiloavam o Sol. Conheci mulheres que faziam suas preces para a Lua e que guardavam esse segredo, deixando apenas que nós meninas pudéssemos estar perto, observando seus ritos de passagem, suas bênçãos.

A Bagaceira é mais que um romance histórico que inaugura o moderno na literatura brasileira. É um marco sociológico importante para interpretar nossa cultura. Li antes de *A Bagaceira*, *A Paraíba e seus Problemas*, também escrita por José Américo de Almeida. Entretanto, ao pensar os 90 anos de *A Bagaceira* e a força desse enredo, pude revisitar muitas categorias socialmente construídas para representar nós sertanejos e sertanejas, personagens de muitas histórias.

Por fim, gostaria de ressaltar a alegria de percorrer as linhas desse romance incrível, de muitas nuances, ambiguidades, de uma descrição singular da natureza dos territórios do Brejo e Sertão. De me assombrar com as mudanças no enredo. De matar as saudades de Areia. De retornar à língua nativa, de identificar nos tipos humanos descritos por José Américo de Almeida, figuras próximas, tão reais. Tocar a nostalgia da narrativa encarnada em alguns dos personagens. E de conhecer as gravuras incríveis de Poty, que me remetiam o tempo inteiro às imagens de meu interior. ✦

Sandra Raquew dos Santos Azevedo é jornalista, escritora e professora de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É autora de vários livros, entre eles, *Comunicação, mídia e imaginário: diálogos contemporâneos* (2017) e *Cartografias: escritos sobre mídia, cultura e sociedade* (2008). Mora em João Pessoa (PB).

A crise de criatividade de nossa literatura



Machado de Assis, Lima Barreto, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Rubem Fonseca, Raduan Nassar, Ivan Ângelo, Augusto de Campos... Não sei se estou certo, mas a literatura brasileira faz tempo que não oferece nomes à altura desses inventores. Estamos numa forte crise de criatividade, de ousadia formal. O melhor escritor da atualidade, nesse sentido, não chega sequer próximo do que foi feito pelos autores acima citados. Não sei o motivo da nossa crise de criatividade, da reiteração de obras com formas cansadas, sem a força que aquilo que é verdadeiramente novo traz e impõe. No romance, no conto, no poema – pouco ou nada vem sendo feito que desperte uma atenção maior, que desestabilize a percepção já montada há décadas. Talvez seja a crise da recepção crítica – já não há um acompanhamento de obras e autores feito por críticos de talento, que se empenham em verificar de perto o percurso e as linhas formais de um autor. Talvez o grande autor inventivo de que trato já esteja aí e não seja percebido. Cabe à universidade, neste momento, a partir de certos pesquisadores sensíveis, lançar um olhar que contempla o contemporâneo. Pesquisadores

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



Cristóvão Tezza, escritor

que dão respostas críticas a certas obras. Mas são poucos os que se voltam para essa tarefa. Há ainda muita dificuldade de publicação por selos que legitimam o autor. E as grandes editoras estão de certa forma reféns da figura do agente literário, que nem sempre é a melhor voz para apontar os talentos mais legítimos. Há, nesse campo, acertos e fracassos. Aqui e ali, alardeia-se o aparecimento de um grande autor, que, logo em seguida, passa a perder força, a ser de algum modo esquecido. O que foi

dito, há alguns poucos anos, sobre um romancista como Cristóvão Tezza, ressaltado por alguns como um escritor de ponta, já não se repete. E Tezza é, de fato, um bom escritor. Como bom escritor é Ronaldo Correia de Brito, que também já não tem tido a referência e o acolhimento que teve anos atrás, quando lançou seu livro de contos *Faca* e, na sequência, foi vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura com *Galileia*. Tezza e Correia de Brito são mestres da narrativa, mas, desconfio, não são inventores de formas. Hoje, os autores que jogam no primeiro time de nossa literatura logo experimentam uma espécie de banco de reserva, recolhem-se para as sombras do campo. Às vezes penso que o problema tem a ver com a nossa instabilidade política, que está invadindo o campo da cultura, das artes em geral. A crise de criatividade, de inventos, tudo indica, é também da música, do cinema, das artes plásticas, do teatro. Estamos numa modorra criativa terrível. Talvez seja o anúncio de algo de bom e de novo que virá mais à frente. Talvez. E, enquanto não voltamos a ser inventores como já fomos, continuemos produzindo e publicando as nossas obras. É o caminho. Ou o que nos resta. ✖

Rinaldo de Fernandes
é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

Resposta

À CARTA ABERTA DO PROFESSOR Milton Marques Júnior

Luiz Augusto Paiva da Mata
Especial para o *Correio das Artes*

Meu caro Milton

Recebi com grande apreço sua lisonja em forma de “carta aberta” no “Correio das Artes”, edição de dezembro/2018. Não bastasse ter-me como destinatário da missiva, ao final de três páginas, você meu caro amigo, revelou sua exultação em considerar-me como mais alguém além dos nossos queridos Gonzaga Rodrigues e Hildeberto Barbosa Filho, com quem pode “conversar sobre este incontornável e monumental escritor que é o Eça de Queirós”.

Ora Milton, nem creio que eu seja merecedor dessas generosas deferências. Li bastante o Eça e algumas vezes o reli. Mas, não consigo ir às profundezas abissais na análise da obra como o fazem você, Gonzaga e Hildeberto. Navego em águas rasas onde posso atravessar a leitura desse genial português a vau. Isso mesmo meu

amigo, não tenho esse quilate todo para me arvorar em uma crítica com algumas nuances teóricas, requisitos de uma formação acadêmica que não tive na área em questão. Sou apenas um leitor que se encanta e se delicia com a obra do criador de Jacinto Tormes.

Como o teor de sua epístola se atém ao livro *A correspondência de Fradique Mendes*, fica para outra ocasião, se esta houver, qualquer prosa nossa acerca de outras obras do autor em questão, a exemplo daquela em que narra as diabruras de um padre ou aquela outra que tem no enredo a perversidade daquele primo calhorda. De qualquer modo, das obras de Eça a que mais me fascina é justamente a que veio à baila em sua carta-artigo, pois vejo nela todo ceticismo amargo de Eça perante as angústias sociais para as quais jamais encontrou remédio. Se a cura não era possível, vergastou sua chibata nas ancas da sociedade lisboeta das últimas décadas do século XIX, e o fez de forma mais contundente e primorosa através das cartas que Fradique enviava a destinatários reais ou fictícios.

Ao meu modo de ver, Carlos Fradique Mendes, se não a maior criação queirosiana, é indiscutivelmente a mais divertida. Personagem que bem merecia ser um heterônimo de Eça, como Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos foram de Fernando Pessoa. Só não o foi porque após sua morte, a ex e fictícia amante, Madame Lobrinska, se recusou a entregar os escritos a um editor fazendo uso de alegações de toda ordem. Sem obra publicada em seu nome, foi por água abaixo qualquer relação heteronímica ▶

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



Eça de Queirós
(1845-1900),
escritor e diplomata
português, autor de
Correspondência de
Fradique Mendes
(1900)

► entre criador e criatura. Uma pena. Creio que até nisso Eça teria pensado: o autor sou eu e pronto! Há quem diga ser sim um heterônimo, mas quem sou eu para discordar?

Sem querer Milton, pareceria-me pretensioso nas colocações aqui expostas, creio que a grande especialidade de Eça era o deboche. Não deboche jocoso, mas aquele sutil, bem urdido, sem cair pelos descaminhos da banalização. Inoculava aquele veneno ácido nas carnes da sociedade portuguesa, nos políticos, no clero, nas beatas, nos puritanos, na corte, nos parlamentos, nas academias; enfim, onde se ajustasse a fúria de sua pena. Sua ojeriza tinha dois alvos preferenciais: a hipocrisia e a burrice, na obra em questão, mais a segunda que a primeira. Daí meu apreço pela “correspondência”. Vejo nesse opúsculo de Eça o que mais me apraz em seus escritos, a ironia maliciosa e sutil e que bem caberia em nossos tempos e como uma luva calçaria algumas almas que nos rodeiam.

Nesse livreto, para mim o ápice dos implacáveis dictérios está naquela missiva de Fradique ao Sr. E. Mollinet (Diretor da Revista de Biografia e de História). É nesta carta que pretendo concentrar meus esforços para levar à tona as inquietações de Eça. Respondia nosso remetente a uma indagação do Sr. Mollinet: *quem seria o “compatriota Pacheco (José Joaquim Alves Pacheco), cuja morte está sendo tão vastamente carpida nos jornais de Portugal”?*

Na medida em que Fradique vai, em sua carta, revelando quem é Pacheco, posso defender a tese de que Pacheco vive. Há, em menor ou maior grau de parvoíce, Pachecos aos borbotões em torno de nós. E como há. Esta é a real razão para que me arriscasse nesses escritos. Isso mesmo, meu douto amigo, defendo aqui a teoria de que se ficarmos atentos, não será

difícil, aqui ou acolá, encontrarmos um Pacheco diante de nós. Não são, longe disso, um espécime em extinção. Proliferam exponencialmente, pois se reproduzem como coelhos e esparramam pelo mundo seus pachequinhos. Estes irão desde cedo cometer suas pachequices. A terra aqui também é fértil à proliferação dessas criaturas. Pois veja Milton, quantas celebridades “pachecas” estão perambulando pelos corredores de nossa República. Vamos então, comentar trechos da carta de Fradique ao Sr. Mollinet e veremos se existe ou não uma pachecada espalhada mundo afora. Ter um Pacheco não foi uma prerrogativa de Portugal, eles estão por aí, à solta. Ao leitor caberá discordar ou aprovar a tese. Vejamos.

Fradique relata que o conheceu casualmente e que *Pacheco não deu ao seu país nenhuma obra, nem uma fundação, nem um livro, nem uma idéia. Pacheco era entre nós superior e ilustre unicamente porque tinha “um imenso talento”... O talento imenso de Pacheco ficou sempre calado, recolhido nas profundidade de Pacheco! Constantemente ele atravessou a vida por sobre eminências sociais: deputado, diretor-geral, ministro, governador de bancos, conselheiro de Estado, para presidente do Conselho – Pacheco tudo foi, tudo teve, neste país que, de longe e a seus pés, o contemplava, assombrado por seu imenso talento.*

Mas Milton, não precisaríamos ir longe para encontrarmos alguém com tais características. Se não idênticas, mas suficientemente próximas para concluirmos que não falta gente com vocação para Pacheco em torno de nós. Isso vai se revelando à medida em que a carta vai fluindo. Mas onde começaria a ser notado esse imenso talento? Aconteceu pela primeira vez numa aula de direito quando Pacheco fizera a seguinte declaração: *“o século XIX era um século de progresso e de luz”...*

foi com essa obviedade que... *A fama desse talento alastrou por toda Academia... E já em escuras boticas de Trás-os-Montes, em lojas palmeiras de barbeiros do Algarve, se dizia, com respeito, com esperança: “Parece que há agora por aí um rapaz de imenso talento que se formou, o Pacheco!”*

Nota-se Milton, que ao atributo talento, Eça cuidou que viesse sempre precedido do adjetivo imenso, para que o leitor se deleitasse com esse tal de Pacheco que nada fez, que nada construiu, mas devido ao seu imenso talento chegou às Câmaras e ali *todos os olhares, os do governo e os da oposição, começaram a se voltar com insistência, quase com ansiedade, para Pacheco... Finalmente, numa tarde, na discussão da resposta ao discurso da Coroa, Pacheco teve um movimento como para atalhar um padre zarolho que arengava sobre a “liberdade”. O sacerdote imediatamente estacou com deferência; os taquígrafos apuraram vorazmente a orelha: e toda Câmara cessou o seu desafogado sussurro, para que, num silêncio condignamente majestoso, se pudesse pela vez primeira produzir o imenso talento de Pacheco. No entanto Pacheco não prodigalizou desde logo os seus tesouros. De pé, com o dedo espetado (jeito que foi sempre muito seu), Pacheco afirmou num tom que traía a segurança do pensar e do saber íntimo: “Que ao lado da liberdade devia sempre coexistir a autoridade”... Não voltou a falar durante meses – mas o seu talento inspirava tanto mais respeito quanto mais invisível e inacessível se conservava lá dentro, no fundo, no rico e povoado fundo do seu ser... E muitas vezes, junto dele, conselheiros e diretores-gerais balbuciavam maravilhados: “Nem é necessário mais! Basta ver aquela testa!”*

Então, meu caro amigo, Fradique vai pescando predicados. Como não bastasse tanto talento, Pacheco, agora já sabemos, dispunha de uma testa brilhosa e reveladora de sua inteligência e com tais atributos gal-

gou postos na Coroa chegando a ministro da Marinha onde também não fez coisa alguma. Sempre silencioso, mas quando a oposição se tornava clamorosa, Pacheco descerrava o braço, tomava com lentidão uma nota a lápis – e esta nota, traçada com saber e maduríssimo pensar, bastava para perturbar, acuar a oposição. A inteligência de Pacheco tinha também seu viés pedagógico e a certa altura vem sua grande descoberta na sua frase lapidária e succulenta, ensinara que “um povo sem o curso dos liceus é um povo incompleto”. O imenso talento de Pacheco impunha sinistro respeito em seus opositores e um infeliz descuidado que ousou confrontá-lo ouviu a seguinte reprimenda de Pacheco: *Ao ilustre deputado que me censura só tenho a dizer que, enquanto, sobre questões de instrução pública, Sua Excelência, aí nessas bancadas, faz berreiro, eu, aqui nessa cadeira, faço luz!*”

Eça (ou Fradique) faz questão de ressaltar que Pacheco ocupou todos os importantes cargos na Corte portuguesa, onde nenhuma contribuição deixou ao país ou à sua gente, mas galgou tão importantes postos graças ao seu imenso talento, e vem aí, quase ao final da carta, a grande ironia que para mim sintetiza todo o texto: *Sem Portugal, Pacheco não teria sido o que foi entre os homens; mas sem Pacheco, Portugal não seria o que é entre as nações.*

Então Milton, como era de esperar, Pacheco foi envelhecendo e na velhice falava pouco. Sorria apenas. A testa cada vez se lhe tornava mais vasta. Ao final da vida perdera os cabelos. Todo ele era testa. E mais que nunca revelava seu imenso talento. Tanto era o talento desse notável português, que já nem precisava fazer uso de suas frases lapidárias. De certa feita, rebate a argumentação de um opositor... *Silenciosamente, magistralmente, sorrindo apenas, Sua Excelência deu com a mão*



Luiz Augusto Paiva da Mata (esq.) e Milton Marques Júnior, na Livraria do Luiz, em João Pessoa (PB)

grave, um leve corte horizontal no ar. E foi em torno um murmúrio de admiração, lento e maravilhado. Naquele gesto quantas coisas sutis, fundamentalmente pensadas.

Para, como se diz, fechar com chave de ouro a carta, Fradique conta o encontro, meses depois da morte de Pacheco, com a viúva. *Cumprindo um dever de português, lamentei, diante da ilustre e afável senhora, a perda irreparável que era sua e da pátria. Mas quando, comovido, aludi ao imenso talento de Pacheco, ergueu num brusco espanto, os olhos que conservava baixos – e num fugidivo, triste, quase apiedado sorriso arregaçou-lhe os cantos da boca pálida... Eterno desacordo dos destinos humanos! Aquela mediana senhora nunca compreendera aquele imenso talento!*

Pois é isso meu caro, como disse de início, esta é a visão

de um leitor, apenas isso. Mas, faz-me pensar em nossos Pachecos, espalhados do Oiapoque ao Chuí. Por aqui também a burrice tem um passado esplêndido e um futuro auspicioso. Sempre que leio esta carta de Fradique, lembro-me de um saudoso amigo – Claudemir Montoni - que tinha uma frase, diria que primorosa, para essas minhas inquietações; “A burrice é invencível”. E é.

Atenciosamente,
seu amigo Paiva ▀

Luiz Augusto Paiva da Mata é escritor, bacharel em matemática, colaborador de **A União**. É membro da União Brasileira de Escritores - Seção Paraíba (UBE-PB). Tem dois livros publicados: *A saudade e outras manias do coração* (contos, Editora AllPrint, São Paulo) e *O chapéu do meu avô* (crônicas, Mídia Editora, João Pessoa). Natural de Campos do Jordão (SP), reside em João Pessoa (PB).

[Primeiras horas]

Que som faz
um coração quando se parte?
Que eu me lembre,
som nenhum.
Os cacos ficam ali
em silêncio
e te resta a resiliência
de encaixá-los de novo
Colando os pedaços
com lágrimas
e dizendo para si
palavras de esperança
como quem
precisa de um sistema,
dizer para crer.

Para preencher o vazio
nas primeiras horas,
música.
Depois,
vento no rosto.
Depois
andar meditando.
Deixando para trás
passos e pensamentos.

Ainda te resta o corpo
Apenas o coração precisa de um tempo.
Talvez você deva morar um pouco no tempo.
Acampar lá e dormir sentindo pedras
e galhos pequenos marcando os pontos das costas.
Molhar os pés na beira de uma poça
ou lago
devolver pra terra as águas
das mágoas que te tiraram o chão.

Mas das coisas que ainda cabem
num coração partido
não deixe de preservar o tempo.
Se há sangue nas veias,
vida pulsando,
pulmões enchendo e esvaziando,
te deixando sentir os cheiros do mundo
Vale a pena não parar ainda,
Dar uma chance a tudo
que se construiu para ser quem se é.

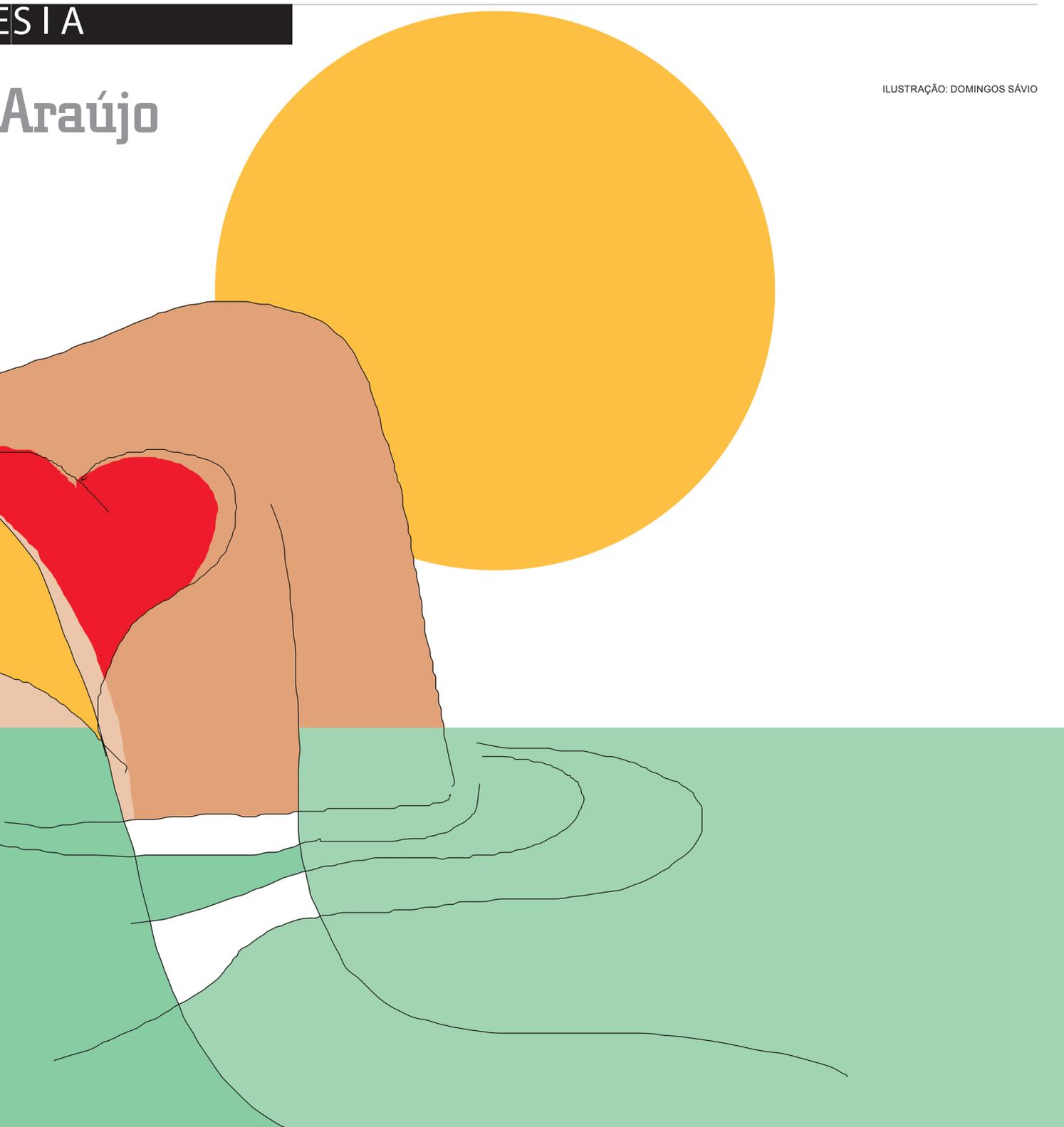
Seguir andando é força
Vibra e faz sentido
como a música,
aquilo que recomendo
para preencher o vazio
das primeiras horas.

**[das águas de agora]**

quando te vi
e me bateu aquela onda me levando pra beira
não sabia o tamanho da beleza
por baixo da sua pessoa.
eu que agora sei
estou de novo no mar.
água por todo lado,
poder boiar, nadar ou contemplar.
estar nesse mar de te saber um pouco
de te querer inteira
me abraça
como se o mundo me amasse
e eu pudesse voltar a ser feliz exatamente nele.
não sei o que me dizem esses sonhos
que as cartas de fada confirmam.
como diz aquele livro,
as crianças conhecem a verdadeira liberdade
porque não têm medo de amar.
estou criança,
rodeada de água
sem sono
e morando numa mente que divaga.
apenas quero uma morada onde descansar
deixar os sentidos voltarem ao corpo
e a mente desacelerar.
se não for pedir muito
quero morar no seu coração.
no meu,
você já faz morar
e é mar.

Araújo

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



Eliza Araújo ama livros e respira poesia. É apaixonada por café, sorvete, montanhas, mares, neve e mulheres. É capricorniana, louca por listas e não consegue mais dormir depois das 8h. Quer que na sua lápide leia-se: Dançou nessa vida. Mora em Amherst, estado de Massachusetts, Estados Unidos.

As árvores são como os peixes

As árvores são como os peixes.

O desfile das árvores nuas
Ninguém escuta as raízes acoturnadas
Os membros decepados expõem olhos cegos, caídos
Vigiando centenas de autos.
Seus dedos virando cortiças: tão leves
São os seus necrológicos anônimos.

Mantos em cinza bem escuro
Tapando poros: as árvores anti-gregárias em suas cores
Vestidas no peso plúmbeo impenetrável.

É o desfile das árvores inertes nas cidades.
Árvores armadas como tropas russas. Os seus uniformes de fuligem.
Prisões nos asfaltos e calçadas
Sob a vigilância dos muros pichados
Entoando a poética dos silêncios.

Mata-fome, Cacau bravo, Craibeira, Moringa, Mororó...
Ipês, Sombrios, gliricídias...
Controladas, solitárias, imóveis!

Só se mexem nas tardes de outono
Quando os ventos singram as ruas e varrem memórias
Roubando folhas alaranjadas: em sangue.

Movem-se ainda as quase-árvores
Com os pássaros nas alturas
Se apertando com suas cloacas quentes
Para enganar, em silêncio – a guarda da alma das florestas -
O dribble da dormência das sementes duras.

As árvores são como os peixes.

Invenção sobre Anton Tchékhov

A noiva pendurada pelos cabelos
Rapta luzes da vara negra.

Seus seios são belas peras rijas
Sua buceta - embaixo do vestido raro -
Mina e exala o mais puro e selvagem desejo

Seus lábios latejam rubros e
Seu coração é desespero.

Seus olhos são abismos.
Doces buracos negros.



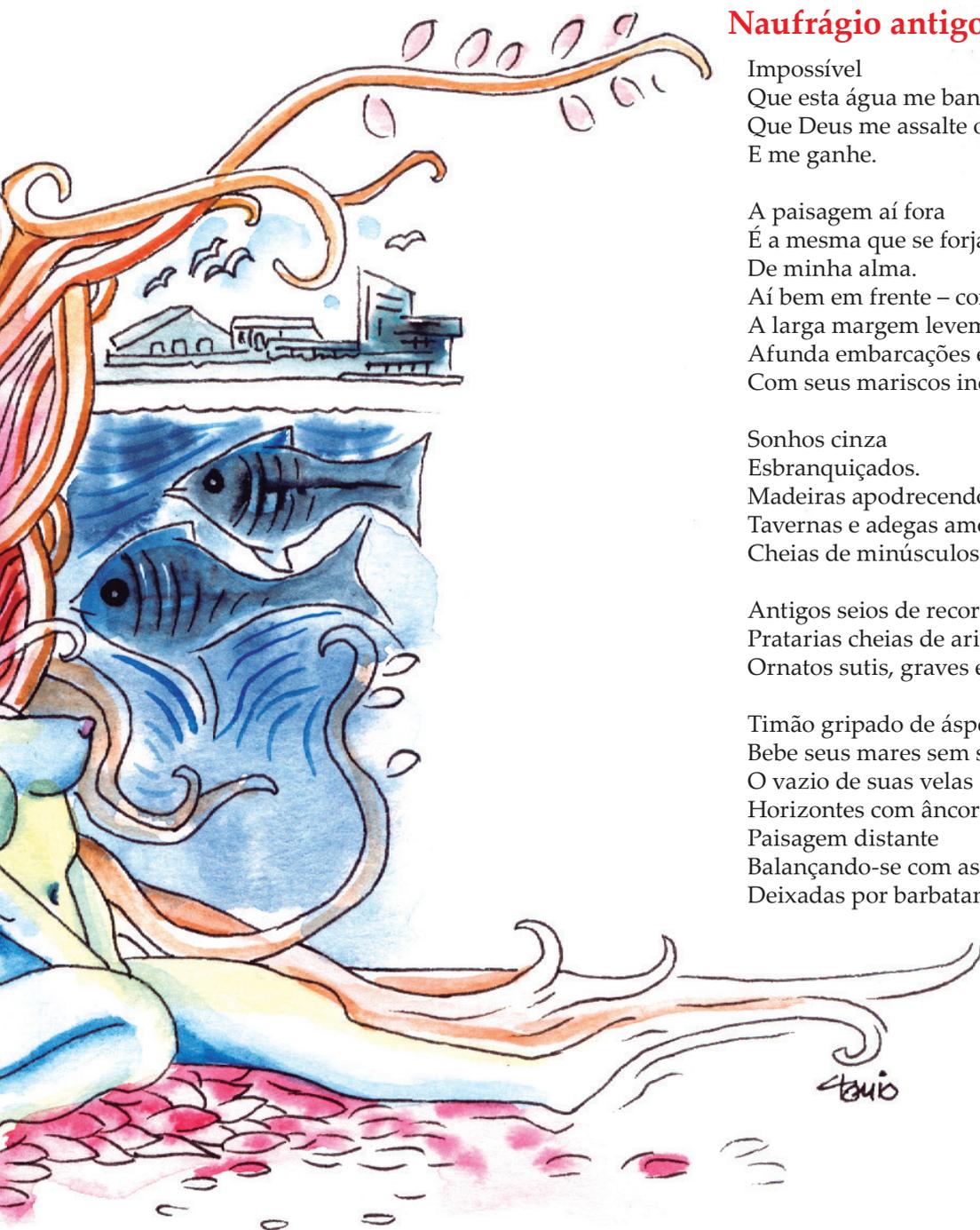


ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

Naufração antigo

Impossível
Que esta água me banhe
Que Deus me assalte o espírito
E me ganhe.

A paisagem aí fora
É a mesma que se forja nas frestas
De minha alma.
Aí bem em frente – como um delírio daliniano –
A larga margem levemente azulada
Afunda embarcações estanques e silenciosas
Com seus mariscos incrustados.

Sonhos cinza
Esbranquiçados.
Madeiras apodrecendo
Tavernas e adegas amolecidas pelas águas
Cheias de minúsculos fantasmas.

Antigos seios de recordações
Pratarias cheias de aristocráticas memórias
Ornatos sutis, graves explorações.

Timão gripado de áspero sal
Bebe seus mares sem singrar
O vazio de suas velas
Horizontes com âncoras cravadas no chão
Paisagem distante
Balançando-se com as ondas minúsculas
Deixadas por barbatanas de meros gigantes.



Josafá de Orós nasceu em Orós (CE), em 1965, e reside em Campina Grande (PB), onde desenvolve ações nos campos da cultura e das artes. É sociólogo formado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Artista plástico, participou de mostras coletivas e individuais no Brasil e em outros países, entre eles, Cuba, França, Portugal e Espanha. Poeta, foi laureado com o Primeiro Lugar da Flipo 2010, classificado no Festival Tataguassu de poesia. Tem publicado em diversas coletâneas em nível nacional. Sua mais recente participação foi na antologia *Homenagem ao Centenário de Nascimento do Escritor Jorge Amado*, lançado na Bienal Internacional de Livros de São Paulo - 2012. Obteve O título de Embaixador da Palavra do Museo de La Palabra de Madrid, em 2017.

O romance não morreu



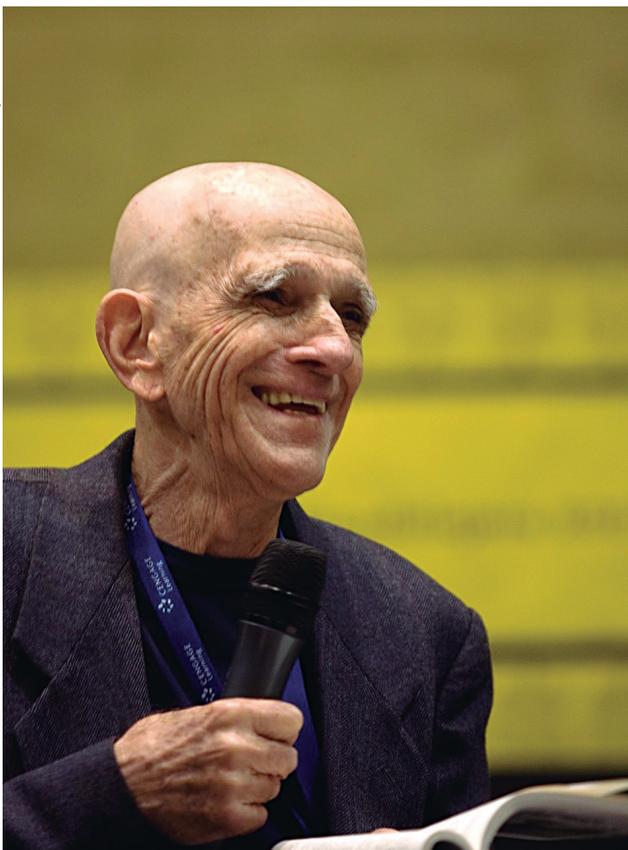
Um dos aspectos do romance que o caracterizam como forma literária, desde o seu surgimento, que remonta ao século XVIII, até os romances produzidos nos dias de hoje, é o tratamento dado a temas, conteúdos, reflexões imbuídos de atualidade. Ter como matéria primordial o momento histórico presente, portanto, aberto e inacabado, justifica, em alguma medida, o fato de ser considerado forma inacabada e aberta.

Muitas têm sido as transformações

por que vem passando o romance, bem como muitas têm sido as teorizações em torno da forma, cogitando-se, inclusive, nas primeiras décadas do século XX, que seria um gênero literário prestes a morrer, a desaparecer. Tal afirmação, polêmica em sua essência, trouxe à discussão pensadores importantes para a teorização do romance, como Georg Lukács, Ferenc Fehér, Lucien Goldman, dentre outros.

O contexto é europeu, mas mesmo assim nos auxilia na discussão sobre a produção de romance no Brasil. Em que sentido? No sentido de compreender o que justifica a permanência dessa forma literária, por exemplo, por se constituir uma escrita que abrange as complexidades da vida humana, em vários de seus aspectos: psicológicos, filosóficos, sociológicos, culturais, sociais. Justifica-se, também, por não ser uma forma fixa e, portanto, transformar-se conforme as transformações sociais que lhe servem de chão histórico. Ou, ainda, como aponta a crítica francesa Marthe Robert, o romance se caracteriza pelo seu caráter livre, arrivista, variável, megalomaniaco, parasita etc. Nas palavras da autora: *o romance não tem regras nem freios, sendo aberto a todos os possíveis, de certa forma indefinido de todos* ▶

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



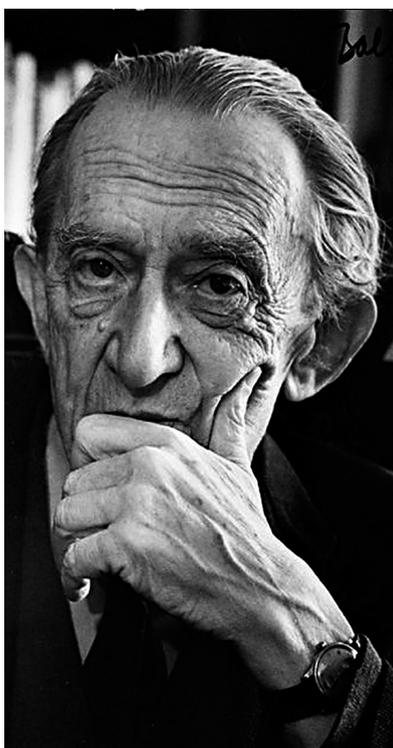
Rubem Fonseca, autor de O romance morreu, "escritor brasileiro que transita por formas narrativas que, tradicionalmente, são conhecidas por conto, romance e crônica"



► os lados. É esta evidentemente a razão principal de sua expansão contínua, e também a de sua voga nas sociedades modernas, às quais se assemelha, quando não por seu espírito inventivo, por seu humor buliçoso e vitalidade. (ROBERT, 2007, p. 14).

A partir dessas reflexões, bem como de uma observação sobre a produção de romance na sociedade atual, chega-se à prévia conclusão de que o romance é forma literária tão viva quanto a sociedade na qual surge. Não damos conta de ler a quantidade de romances, por exemplo, que as editoras brasileiras lançam todos os anos. Além disso, dispomos de prêmios literários, a exemplo do Jabuti e do Sesc, que, além de reconhecerem autores já consagrados no cenário nacional, revelam, a cada ano, novos nomes. Ou seja, no Brasil, o romance continua sendo bastante cultivado e, a depender da época, faz a vez de protagonista no cenário literário, como, por exemplo, durante a década de 1930, caracterizada pela presença de uma produção romanesca denominada regionalista ou neorrealista, que consolidou um dos mais importantes movimentos na história da literatura brasileira. Tal produção se destaca tanto em termos de qualidade como de quantidade.

Mas, independentemente dessas constatações, autores e estudiosos mantêm suas reflexões acerca do possível desaparecimento do romance, sendo importante considerar as perspectivas a partir das quais essas reflexões se dão em nosso meio literário. Todo esse introito acerca da forma romanesca se dá na tentativa de situar um interesse pela leitura de um livro, provocado pelo seu título: *O romance*



Autor de *A teoria do romance*, Georg Lukács (1885-1971), filósofo e historiador literário húngaro, é considerado "o precursor dos estudos sociológicos da literatura ficcional"

morreu (Nova Fronteira, 2014), de Rubem Fonseca, escritor brasileiro que transita por formas narrativas que, tradicionalmente, são conhecidas por conto, romance e crônica. Desenvolve, portanto, técnicas narrativas que o têm colocado entre os grandes escritores da literatura brasileira contemporânea, entendendo-se por "contemporâneo", também, aquilo que ele produziu nos anos 1960/70.

Em "Nova Narrativa", Antonio Candido (2006) apresenta suas considerações sobre a literatura produzida nos anos 1960, e concede a Rubem Fonseca a categorização de "realismo feroz", dado o teor de

realismo, no sentido estrito da palavra, sobre certas questões sociais do Brasil, mais especificamente, no que se refere à violência urbana. Nas palavras de Candido, Fonseca *avança as fronteiras da literatura no rumo duma espécie de notícia crua da vida* (p. 255). Essa atitude literária rendeu ao escritor a pecha de apologista da violência e do crime, quando, por exemplo, em 1976 teve a obra *Feliz Ano Novo* proibida por conter, conforme parecer do técnico de censura Raymundo F. de Mesquita, apresentado em *Repressão e resistência*, de Sandra Reimão, indicado ao prêmio Jabuti 2012, *personagens portadores de complexos, vícios e taras, com o objetivo de enfocar a face obscura da sociedade na prática da delinquência, suborno, latrocínio e homicídio, sem qualquer referências a sanções*. Em sua crônica intitulada "Loja de botox a varejo", Fonseca confirma o episódio quando declara o seguinte: *Não quero me jactar dizendo que previ o que aconteceria em pouco tempo, essa avalanche de cirurgias cosméticas. Não me esqueço das agruras que passei em Feliz Ano Novo, prevenindo a onda de crimes e invasões a residências que aconteceria alguns anos depois, o que me acarretou um processo criminal por apologia ao crime*. (*O romance morreu*, p. 166).

Por ser um escritor brasileiro conhecido e reconhecido pelo enfoque dado ao realismo, a experiência com a leitura da obra de Rubem Fonseca tem demonstrado que o leitor pode se colocar na expectativa por algo que não se limita a uma questão de estilo de escritor, apenas, mas de se tratar de um escritor que faz de questões sociais bastante cruéis do cenário brasileiro matéria recorrente em sua obra. Nesse sentido, chama atenção um livro com o título *O roman-* ►



Como pesquisadora, Heloisa Buarque "privilegia a relação entre cultura e desenvolvimento, particularmente no que se refere a poesia, relações de gênero e étnicas, culturas marginalizadas e cultural digital"

ce morreu, pelas indagações que pode provocar: De que romance estaria falando Rubem Fonseca? Da forma literária? Das relações amorosas? Das duas coisas? A crônica que abre o livro explica o título e auxilia na reflexão provocada pela leitura das demais crônicas. O romance de que Fonseca trata no título de seu livro é a forma literária; fala do romance por meio da crônica-prefácio, afirmando que, como forma literária, o romance morreu, pois uma coisa talvez esteja acontecendo: a literatura de ficção não acabou, o que está acabando é o leitor. Poderá vir a ocorrer esse paradoxo, o leitor acaba mas o escritor não? Ou seja, a literatura de ficção e a poesia continuam existindo, mesmo que os es-

critores escrevam apenas para meia dúzia de gatos-pingados? (O romance morreu, p. 11).

O livro reúne vinte e sete crônicas sobre os mais diversos temas: desde pipoca e cinema a viagens, futebol, Michel Jackson, carnaval, homossexualidade etc. Tais crônicas foram publicadas originalmente em *Portal Literar*,

site que tem como curadora a pesquisadora Heloisa Buarque de Hollanda. Fonseca reproduz, com esse livro, uma prática que tem sido recorrente entre cronistas brasileiros: reunir em livro crônicas publicadas em blogs e sites, dada uma certa perda de espaço para a crônica em jornais, atualmente.

Vale ressaltar, nesse quesito, que se trata de uma prática comum mesmo entre os cronistas que publicaram em jornais, quando a crônica tinha seu lugar garantido, como Rubem Braga, por exemplo, bem como entre cronistas que, ainda em meio à escassez de espaço para esse gênero, continuam publicando em jornais, como é o caso de William Costa, um destaque entre nós, na Paraíba. Ao menos nos casos de Rubem Fonseca e de William Costa, os textos, quando migrados de outros espaços (blogs, sites e jornais) para o espaço do livro passam por revisões e algumas transformações mais significativas. Poderíamos dizer, até, que se tratam de outros textos e que, na publicação em livro, muitas vezes, apresentam-se como originais.

A partir dessas reflexões sobre a forma romanesca, sobre Rubem Fonseca e sobre experiência leitora, compreendo que o livro *O romance morreu*, ora comentado, provoca, por meio do título, e que se desenvolve na crônica-prólogo que abre o livro, um debate sobre a produção ficcional nos dias atuais, que envolve, inevitavelmente, a posição do leitor nas estatísticas brasileiras da prática de leitura. Por isso, o comentário que se faz aqui tem como objetivo primordial compartilhar uma experiência leitora que me foi, ao mesmo tempo, surpreendente, dada a possibilidade de comparação entre o romancista, o contista

e o cronista que compõem Rubem Fonseca; e prazerosa, sobretudo, por se tratar de crônicas que re(a)presentam, para além de uma inventividade de escritor, temas muito caros à compreensão de questões humanas no mundo atual.

Várias são as crônicas que merecem destaque, como, por exemplo, aquelas que tratam das questões de minorias, tão caras a nós, principalmente agora que vivemos um tempo de retrocesso em que as chamadas minorias são colocadas em perspectiva. Dentre tais crônicas, encontram-se: “Viveca” que narra episódio de um travesti ator de cinema em que se levanta indagações do tipo: *Por que o sujeito se torna um travesti? Por que uma pessoa assume uma identidade indefinida sexualmente e não reconhecida socialmente?* (p. 161); “O macho está com os dias contados?” que trata do que o título anuncia: o lugar da mulher na sociedade, o fato de que as mulheres ficarão cada vez mais independentes, livres da tutela repressiva dos homens. (p. 179); “O quinto suspeito” que narra um episódio de preconceito vivido por um narrador em primeira pessoa que desconfia de vários suspeitos pelo roubo de um relógio, esquecendo-se, dele próprio, como o quinto suspeito, e chegando à conclusão de que *o testemunho é mesmo a prostituta das provas* (p. 210).

Trata-se, portanto, de um livro importante, inclusive para o leitor assíduo de Rubem Fonseca, aquele leitor que conhece ao menos um pouco de sua produção romanesca e contista, pois encontrará, no cronista, um lado mais pessoal do escritor. Um lado que demonstra amor por árvores, pessoas, literatura, cinema e que, por meio de um título, demonstra uma

certa melancolia pela possibilidade da morte do romance (ou da ficção de um modo geral), mas também revela um sentimento de resistência na função de escritor, pondo-se a se indagar sobre a importância do seu ofício na sociedade atual.

Esse aspecto lembra o que José Castelo coloca em seu maravilhoso texto – *Crônica, um gênero brasileiro*, publicado no site Digestivo Cultural, de novembro de 2010 – em que busca refletir sobre a crônica, reconhecendo-a como um gênero brasileiro. Nas palavras de Castelo, *O escritor foi empurrado de volta a um ponto morto - ponto de recomeço, lugar fronteiro que se assemelha, muito, ao ocupado pelos cronistas. Foi lançado, de volta, às perguntas básicas. Por que escrevo? O que é escrever? De que serve a literatura? Posição que, com as devidas ressalvas, podemos chamar de filosófica: pois parte das perguntas fundamentais, aquelas que, desde os gregos, definem a filosofia.*

REFERÊNCIAS:

CANDIDO, Antonio. A Educação pela noite e outros ensaios. 5.ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

ROBERT, Marte. Romance das origens, origens do romance. Tradução de André Telles. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

Sobre o livro Repressão e resistência, de Sandra Reimão, foi consultado site: <https://oglobo.globo.com/cultura/documentos-revelam-como-censura-embasou-proibicao-livros-de-rubem-fonseca-aguinaldo-silva-6473347>

A produção cronista de Rubem Fonseca, mesmo que bissexta, somada à reflexão acerca da morte do romance, em certa medida, explica a sua opção pela crônica. E o que se torna ainda mais interessante, na sua condição de cronista é, também, a escolha por temas que dizem respeito a questões em que se revelam suas opiniões, seus gostos, suas vivências, suas leituras. Para isso desenvolve uma maneira de contar histórias que segue o seguinte esquema: das vinte e sete crônicas, vinte e seis são narradas em primeira pessoa, o que dá o tom de pessoalidade ao texto, legitimando, em certa medida, a narração como verdade factual de escritor. Apenas na última crônica, “José – uma história em cinco capítulos”, em que Fonseca investe numa autobiografia, a narração se dá em terceira pessoa, em que, aparentemente, coloca-se um paradoxo. Esse procedimento narrativo, intrigante em sua essência, pelo distanciamento do narrador, desfaz o paradoxo quando o narrador apresenta a seguinte reflexão: *Ele [José] sabe que todo relato autobiográfico é um amontoado de mentiras – o autor mente para o leitor e mente para si mesmo. Aqui, se alguma coisa foi esquecida, nada foi inventado.* (p. 213). Trata-se, assim, de um recurso narrativo que, no interior da narração, torna-se responsável pelo tom reflexivo sobre a veracidade dos fatos, conduzindo o leitor a uma reflexão sobre os sentidos do real e da ficção na literatura. ✖

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).



Pelas ruas da cidade, assisti João Pessoa crescer

Ana Adelaide Peixoto

Especial para o *Correio das Artes*

Q

uando morei no bairro do Miramar, eu tinha seis anos. E a ladeira da Igreja era de barro, um atoleiro só, que o ônibus das Lourdinhas parava na Av. Epitácio Pessoa para descermos. E eu ia a pé para minha casa na pracinha do Clube Cabo Branco. O bairro era pequeno, poucas casas, e conhecíamos quase todos os moradores. Hoje? Onde era minha casa virou um edifício gigante. E o bairro cresceu. E as Muriçocas tomaram conta. Literal e carnavalescamente.

Depois morei na Rua João Amorim. Essa, no centro, oitão do Bompreço. Está lá meio que abandonada. Passo por lá e me vejo aos 7/8 anos, brincando na rua. Tudo tão seguro e familiar. Vejo as casas dos vizinhos queridos. Alguns já morreram. Outros, passam na rua quase estranhos. A vida passa rápido. E a galope. ▶

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO

► Quando moramos na Praça da Independência, a praça era nossa. Passei lá esta semana e caiu uma manga no meu carro, quebrou o para-brisa. Tomei um susto. Parei o carro, e andei num dos lados da praça a pé. Quase pude ouvir a saída das Lourdinhas e o burburinho que fazíamos. A Maximiano Figueiredo era tão bucólica! Com suas mangueiras! E casinhas simples, mas pitorescas. Hoje tudo transformado em comércio, com placas de amianto horrorosas e calorentas. Passo por ali de carro, e pouco tenho tempo para contemplar minha Praça de menina e das bicicletas. Mas a casa que vendia ovos na Rua Marechal Deodoro continua lá. Mesmo com ares mal assombrados e precisando de uma boa pintura, ainda me vejo carregando ovos no bagageiro. Sonho com essas ruas, minhas quedas, meus medos, minhas tardes a caminhar pra lá e cá. Com os conflitos em casa. Minhas tardes nos alpendres e a olhar o mundo lá fora.

Na Av. Camilo de Holanda foi depois. Era linda! Tinha flamboyants no meio das vias. E a Rua Borja Peregrino tinha a casa de Washington, o “comunista” do Lyceu. Nos tempos que falavam mal dos comunistas. Pelo jeito, ainda falam! Era um mundo sem telefone e sem televisão em casa. Luciano Bernardo morava na esquina. Os Soares, ao lado. Dr. Brás e Maria da Penha, Kathya e irmãos mais pra lá. Diana Rangel, na esquina. Maurício do volley! E ter vizinhos para brincar era importante. A rua era a outra casa. Ainda é. Jogava ossinho no terraço de ladrilho hidráulico, e minha mãe começou a dirigir um Sinca Lilás. Que carro kitsch! Um dia quebrou o muro todo. Ignês Navarro morava ao lado. Mas só muito mais tarde viríamos a nos aproximar na Adufpb e no grupo Coisa de Mulher. E a casa de pedrinhas cor de rosa da esquina? Linda que era! E que, mais tarde eu passava com os olhos arregala-

dos quando ia para as aulas de ballet no Teatro Santa Rosa, de ônibus. Andava de ônibus a cidade toda. Ônibus do colégio que ia de Jaguaribe aos outros bairros. E batia tudo a pé também, comendo jambo pela Av. Coremas e contemplando os chãos fúcsia.

A Av. Almirante Barroso foi minha última casa onde vivi com meus pais. Uma avenida grande que me levava direto até os cinemas Municipal e Plaza, meus templos de consumo juvenil. Também umas casas bonitinhas e acolhedoras, que hoje, se transformaram em feiuras comerciais. Fico me perguntando porque tanta coisa feia aqui se planta e constrói. Uma mentalidade de luxo medíocre quando se tem dinheiro, e quando não tem, uma dificuldade para com o simples. Restaurar, resguardar, permanência, memória, são palavras pouco consideradas por nós outros daqui.

Depois de casada morei ao lado do Espaço Cultural, que já era o que é. E no Cabo Branco, à beira mar, onde tinha a lua cheia mais linda que já vi. Curti o que pude a praia, o fresco-ball, o sol, o amor e também o des-amor. Tempos difíceis. Mas também de re-nascimentos.

Todas as casas em que morei, faziam parte de bairros tranquilos, bucólicos, silenciosos de uma cidade pequena e com o seu charme de província. Eu cresci. E ela cresceu comigo. Hoje, tenho nostalgias como as do jornalista Petrônio Souto, que publica fotos no facebook desta cidade das Parahybas. Irreconhecível! Uma tragédia! Quando vemos os edifícios do Centro derrubados. Ruas outra arborizadas que hoje secam e ardem de calor estufa. E os nomes de Rua Nova e Direita, já nem têm mais essas direções.

Agora que vou embora da minha casa, mas que permanecerei no Bessa, fico a pensar nesse bairro que há 34 anos, quando aqui cheguei, só tinha o meu Conjunto Oceania, vacas que nem profanas eram, caju

de conta e um mar infinito e de azul profundo e que era todo meu. Praia, coqueiro, caravela, o Bar do Adeval, a padaria/mercearia, que fazia vezes de bar para nossas cachaças do sábado, a lama do inverno, as rãs puladeiras das poças, e o canto dos passarinhos. Esses últimos ainda os tenho. Hoje mesmo, enquanto fazia café e buscava o jornal no jardim, ouvi um canto alegre, eufórico, diria, e fui para debaixo dos pés de pinha e tamarindo espiar que pássaro era. Tem sabiás, beija flor, rolinha, pardal e outros comuns. Mas esses cantavam diferente. E no meio das borboletas coloridas do meu jardimzinho, vi uns pássaros animados. Acho que estão me festejando, se despedindo, e me desejando felicidades na nova morada.

Pense numa saudade que vou ter. Como se não bastassem as lembranças, a vida vivida com todos os seus esplendores e tristezas, vou morrer de saudades do canto dos passarinhos. Em tempos de asfalto, inseguranças, e barulhos tantos, esses cantos que não são da cotovia nem rouxinol nos aquecem a alma. São cantos das minhas manhãs felizes, enquanto faço o meu café todo dia todo.

Hoje o Bessa tem Caribe cópia, trânsito, acidentes, roubos, praia cheia de gente e de lixo, mas algumas coisas lindas ainda teimam em permanecer. Os passarinhos! O azul do mar? A lua cheia e incandescente, também teima. E eu? Teimo em ficar por aqui, com um olho no passado e os outros sentidos no futuro. ❖

Ana Adelaide Peixoto é cronista e professora do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Publicou *Brincos, pra que te quero?* e *De paisagens e de outras tardes*. Natural de Fortaleza (CE), mora em João Pessoa (PB).



Arte desdenhosa

José Edmilson Rodrigues
Especial para o *Correio das Artes*

Imagina-se o silêncio como um chamamento absoluto do calado, do surdo, do testemunho em busca do incomensurável. O silêncio da visão apenas no sentido audível, se encontrado neste, há um chiado de energia acumulada e uma consonância de vida para a vida detendo-se, em instantes, no contido aspecto interior, enquanto se olha numa busca, numa

separação de grãos, até se descobrir a pedra preciosa, seu achado mais valioso...

Encontra-se David no interior de um museu de arte, a convite de um amigo que admira. Antes, passa a vista, fazendo uma leitura rápida, dinâmica, nos quadros expostos com criterioso gosto pela arte, detendo-se de imediato numa revista de artes plásticas sobre um centro e a põe no colo, começando a lê-la. Em uma das folhas, o retrato de Juan Pareja, obra de Velaquez, pintor espanhol. Passa para a próxima pintura: uma impressão de infinita beleza, apesar da retratação de um homem sério, típico de sua época, com traços de visível maturidade. Folheia a revista com admiração.

▶ razão. Passa a página e tem a nítida visão (sensação) de que vem a seu encontro o personagem de Aristóteles, que contempla o busto de Platão e sai sorratamente das cores do quadro de Rembrandt, um diálogo amistoso de mestre irretocável.

David, como qualquer entusiasmado pela vida, apaixonado pelo tempo, amigo dos amigos leais, murmura sozinho em resposta à lembrança que causa a imagem que lhe chega à vista e passa a falar só, sem se aperceber, sem se dar conta de que outras pessoas estão no museu. Cada vez mais aumentando o tom de voz, rindo com sutileza e chamando a atenção dos demais, ele possui luz e aura, um punhado de franquezas, caminha alucinadamente com o testemunho de sua quase "loucura"... travando um discurso soberbo com Aristóteles, sob risos e olhares desdenhosos dos visitantes.

David, ainda mais ousado, levanta a mão, o dedo em riste e discursa: "À tua contemplação, Aristóteles, sobre o busto de Platão." E, como se não bastasse, fala em voz alta: "Oh, caro mestre, sendo tu preceptor de Alexandre, o Grande, fundador da escola peripatética, criador da lógica formal, mostras a natureza toda num imenso esforço da matéria para elevar-se até o pensamento e a inteligência, autor de grande número de tratados de política, história natural, física, dramaturgia, entre tantos, contemplos Platão com tua mão sobre o busto. Platão: filósofo grego, discípulo de Sócrates, que fora teu mestre. Sua filosofia, cujo método é a dialética, a verdade, objeto da ciência que se encontra nas ideias, tipos puros de cada grupo de seres, coroadas pela ideia suprema do bem, autor dos diálogos: Fédon, Fedro, Górgias, O Banquete, A República, As Leis etc."

David, até então sem notar

que gozam com os seus trejeitos, talvez inconscientes, continua o seu falatório de filósofo insano, como se estivesse hipnotizado pela pintura de Rembrandt em suas mãos.

De repente, o guarda do museu, que o observa, sente-se inclinado a chamar o amigo de David, o restaurador oficial do lugar.

– Senhor Luís, senhor Luís, seu amigo ficou doido!...

Sai Luís do depósito do acervo onde estava trabalhando. - O que é, Manoel? Que está havendo?

– Senhor Luís, seu amigo, aquele que está vestido de azul, não diz coisa com coisa... Pirou...

Luís dirige-se à ala de exposição e encontra algumas pessoas assustadas. Um diz: "Estava tão bem! Outro fala: "Sei não, acho que já era maluco." E mais outro comenta: "Deve ser o calor, ou um mal amado."

E continua David sua peregrinação, que poderia se chamar de amnésia, em busca de abstrair palavras evasivas em sua falação pública em plena amostra de arte, ao som de tintins e pedras de gelo meneando em finos copos de cristal. Parece que o tempo lhe traz toda a memória e o veste de um personagem fingido, qual ator profissional ou político, com as suas mesmices, imbecilizando o povo.

Torna David a falar com o suposto Aristóteles em sua mais estranha representação, e deixa cada vez mais os curiosos intrigados com aquele tipo de atitude.

– Mestre Aristóteles, permita-me: qual o mundo melhor para se viver? Este mundo que contempla tua tua pessoa e no

qual vive atentamente, ou o que vislumbro?

David não obtém nenhuma resposta... logo desconversa e continua o papo informal com o imaginário sugerido pela revista. E retorna à sua alucinação:

– "Professor, relate-me a respeito de seu tempo: dos saraus culturais, dos poetas, da música, dos bares! Muitos vinhos? Da poluição? Havia muito barulho?

Estava declarado o escárnio coletivo e as gargalhadas terminaram em zombaria.

Nesse momento, chega em seu socorro o amigo Luís, interrompendo David.

– Por que, David, tamanho exagero?

Rapidamente, David retoma os sentidos, e recorda-se de quando entrara no museu, silenciosamente, desprendidamente, e volta-se para Luís:

– Falar só, não basta. Eu estou exercitando, testando o ridículo e atraindo as pessoas para uma observação banal, falar consigo em público. Excitante! Gostei, eles ficaram com cara de bobões.

E sai como se nada tivesse ocorrido, deixa todos com os lábios cerrados, perplexos, e o recinto se veste de silêncio sepulcral. ✦

José Edmilson Rodrigues nasceu em Campina Grande (PB), onde reside. É poeta, ensaísta, memorialista, advogado, mestre em Literatura e Interculturalidade (UEPB). Membro da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG), Sócio efetivo do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG). É colaborador do "Correio das Artes" e publicou, entre outros livros, *A solidão dos olhos e as vertigens do tempo* (Poesia. Mondrongo. 2018).



O misterioso Natal de Lourenço

Márcio J. S. Lima
Especial para o Correio das Artes

Aconteceu quando eu tinha cerca de vinte e nove anos de idade numa noite de natal. Era um tempo difícil. O gerente do supermercado há alguns dias tinha me demitido e Joana havia me abandonado. Estava distante de minha família, possuía poucos amigos e nenhum deles havia me convidado para a tão esperada ceia de natal.

Cansado de tomar cachaça com feijoada enlatada, resolvi dar uma volta. Queria ver as luzes da cidade, encontrar um lugar legal, beber alguma coisa pra lavar a garganta do travo amargo da solidão.

Perambulei pelas ruas por quase uma hora. Tudo estava fechado. Muita gente caminhava em direção as residências. Era uma

noite de confraternização em família e eu ali procurando algum bar que estivesse aberto para encher a cara.

Depois de tanto procurar, perto do ponto final dos ônibus, encontrei um lugar que talvez me acolhesse. Era um boteco sem graça, com um carinha sentado no canto fazendo um showzinho medíocre de voz e violão para as mesas vazias. Também havia um garçom desengonçado que olhou pra mim com cara de quem estava emputecido por estar trabalhando numa noite como aquela.

Para não incomodá-lo preferi ir direto ao balcão, pois assim, para me servir, ele não precisaria vir ao meu encontro. Pedi uma cerveja e fiquei tomando ali mesmo. O garçom me

➤ deixou e foi passar o pano sobre as mesas que estavam sujas.

Percebi a chegada de uma linda mulher. Quer dizer, linda não! Linda é demérito, ela era maravilhosa. Era desse tipo de mulher que a gente vê em propaganda de cervejas. Alta, pernas grossas, bunda empinada, bem vestida, cabelos longos e levemente alourados, unhas bem pintadas, salto alto e blusa decotada, mas nada vulgar. Sensual, mas não vulgar.

Ela conversou alguma coisa com o garçom, olhou pra mim e sorriu. Achei estranho. Uma mulher daquela deveria estar acompanhada ou a espera de alguém, afinal de contas não se encontra mulheres bonitas sozinhas, ainda mais numa noite de natal.

Pouco depois, o garçom veio ironicamente sorrindo em minha direção. Disse que eu tinha a sorte grande. Isso mesmo, aquela beldade queria saber se eu aceitaria beber em sua companhia.

– Matei a charada – falei para mim mesmo – trata-se de uma garota de programa vendendo em mim a possibilidade de um serviço.

Ela sentou ao meu lado e iniciamos um amigável bate-papo. Percebi, por meio da conversa e do seu comportamento, que não se tratava de uma profissional do sexo. Mas também não consegui decifrar completamente seus mistérios. A única coisa que lembro é que se tratava de uma mulher delicada, carinhosa, doce, amável. Dessas mesmo que você perde a razão e se entrega de corpo e alma como se fosse uma criança nos braços afetuoso da mãe.

A única coisa que, em certa medida, incomodava-me nela era um odor que exalava não sei se de sua pele ou de seus cabelos. Não chegava a incomodar, pois sua companhia agradável e sua beleza exuberante compensavam qualquer desagradado. Mas aquele odor estranho estava sempre rodeando meu olfato.

Perguntei onde morava, ela sorriu e, de forma engraçada, disse que morava num lugar escuro, profundo e barulhento. Levando na brincadeira perguntei o porquê de ser barulhento. Ela falou que tinha gente chorando, gritando, lamuriando. Depois, dando um doce sorriso, disse que saía de lá

apenas para cumprir sua função. Mistério total – imaginei.

Quando percebi estávamos completamente envolvidos. Ela me acariciava o rosto, beijava minha boca e dizia, como que anunciando algo, que tudo em minha vida daria certo. Era dessas mulheres que só dizem sim. Tipo essas que tudo que você propõe elas aceitam. Inclusive levá-las para casa, para a cama, para... Tudo na primeira noite.

Fomos para minha casa e nos entregamos loucamente aos prazeres da carne. Mesmo não sendo uma profissional do sexo, minha amada era especialista na arte de amar. Sempre saí com mulheres experientes, muitas delas até mais experientes que eu, mas confesso que aquela era extraordinária. Com ela nada era proibido, nada era censurado, tudo podia e tudo fazia parte. Na cama, fez coisas que eu jamais imaginei ser possível uma mulher fazer.

Dei-me conta de que estava loucamente apaixonado por aquela deusa. Ao amanhecer, não a vi ao meu lado, mas senti um suave aroma de café vindo da cozinha. Ela apareceu com aquele sorriso lindo e me deu bom dia. Em seguida me beijou e disse que havia preparado um delicioso café da manhã.

Meu coração derretia. Quis ter aquela mulher eternamente só pra mim. Não sabia quem era ela, não sabia de onde vinha nem para onde iria, só tinha uma certeza, eu a queria.

Ainda sentia aquele cheiro estranho, mas não sabia de onde vinha. Até já havia me convencido de que não era dela, podia ser de mim mesmo. Poderia ser também psicológico, até porque aquele odor era totalmente incompatível com a beleza estonteante daquela musa.

Após tomarmos café, minha amada falou que deveria partir. Ligou para um amigo, um tal de Severino Cérbero, e pediu

que ele viesse buscá-la. Fiquei meio triste, mas nada pude fazer. Ela disse que teria outros compromissos, mas que havia adorado a noite comigo. Perguntei seu nome e ela apenas falou que gostava de ser chamada de Samaela. Não tive tempo de perguntar o motivo pelo qual gostava de ser chamada assim, pois o carro já havia chegado.

Levei Samaela ao portão. Ela me deu um longo beijo molhado seguido de um “até mais ver”. Entrou no carro, baixou os vidros, olhou pra mim e juntando as pontas dos dedos das mãos formou um coração e me apontou. Não me contive e, na esperança de poder procurá-la, perguntei novamente onde ela morava. Ela, sempre brincalhona, sorriu e disse:

– Oh querido! Você não percebeu ainda? No inferno.

Severino Cérbero deu uma arancada. Mais uma vez não tive tempo de falar mais nada. Fiquei apenas olhando o carro desaparecer na esquina.

À noite voltei ao bar na expectativa de que ela aparecesse. Ao contrário da noite anterior o ambiente estava lotado. Pedi uma cerveja e fiquei a esperar. Perguntei ao garçom se ele conhecia aquela garota. O garçom disse que não sabia de que garota eu estava falando e jurou-me que na noite de natal a minha pessoa teria sido o único cliente daquele famigerado bar.

Voltei pra casa pensando sobre as palavras daquele cretino garçom. Sei que não estava bêbado, também não sou louco, de certo aquele infeliz queria tirar uma onda com a minha cara.

Entretanto, refletindo sobre o ocorrido e a custa de muito esforço, acabei percebendo que aquele cheiro estranho era de enxofre. Foi somente a partir daí que fatalmente me dei conta... Eu havia passado a noite inteirinha fazendo amor com o diabo. ❖

Márcio J. S. Lima, geminiano apaixonado por leitura e escrita. Nasceu em Brasília (DF), mas, logo cedo se tornou paraibano, e mora em João Pessoa. Graduado em História e Filosofia, possui Pós-graduação em História do Brasil, Mestrado e Doutorado em Filosofia. Suas leituras e estudos transitam entre a Filosofia, a História e a Literatura. Além de escrever contos e poemas, realiza pesquisas sobre o pensamento de Nietzsche, a relação entre Filosofia e Literatura, Modernidade e Pós-modernidade. É autor das obras: *O Mundo recôndito das Sociedades Secretas* (História), *Ecos do Caos* (Poemas) e *A Guerra e Eu* (Romance).



Eu, cá comigo mesma

Everaldo Soares Júnior
Especial para o *Correio das Artes*

De novo, acordo cedo sem precisão, não vou trabalhar e não tenho o que fazer. Colchão todo esburacado não tem costas que agüente, aquela telha um dia pode cair na minha cabeça, tudo quebrado, se chover mais a água cobre a cama. A mancha de mofo na parede aumentou, está mudando de cor, de verde para preto, o cheiro é o mesmo. Melhor fazer faxina a semana toda do que ficar nesse quarto acordada, enchendo a cabeça de minhocas, vou fazer café, será que ainda tem um pedaço de pão de ontem? Café ralo e pão duro dá azia pra danado. Quando olho para a cama lembro de João, o tremido do meu corpo não me deixa. Que ele fedia, fedia, mas eu lhe dei um banho caprichado, passei sabão de coco três vezes, cortei seus cabelos e suas unhas e lim-

po na cama esperou por mim. A vontade não dava pra controlar, a pegação foi tão boa que fiquei toda molhada e justiça se faça o chifrudo tava com um tesão da porra e entrou dentro de mim, comecei a ficar doidinha, mas ele não parava e parecia que me queria comer toda. Foi gozo de todo jeito e havia hora que eu achava que ia me acabar. Quanto tempo foi que durou? Nem sei, mas pra que saber! Acordei e não ouvi o ronco dele, senti uma coisa ruim, parecia sei lá o que! Fui pegando nele, frio, de olhos arregalados. Dei um pulo da cama, gritei por socorro e sacolejei o corpo que não se mexia. Bateu as botas o coitado. Essas lembranças não me deixam em paz. Só me vem no pensamento coisa triste, a vontade de chorar faz visita o tempo todo, acaba sem prestar pra nada. De que foi que mãe morreu. Bom antes ela endoideceu, estranha, chorava, ria sem se saber o que era. Também, cinco filhos para terminar de criar, abandono do pai, medo que sempre acompanhou ela e acabou acontecendo. Pai era safado deixou a gente por causa de uma putinha que tinha a idade de ser sua filha. Mas naquela casa, se casa não era, somente um quarto pra todo mundo, me lembro bem de quando tava ficando moça, de noite o irmão mais velho vinha se esfregar nas minhas coxas com a mão nos peitinhos que já apareciam. Esporrada fingia dormir, medrosa e achando bom, no outro dia ninguém dizia nada como se nada tivesse acontecido, mas eu queria de novo, queria... Cansada, o buraco no telhado, chove muito, se a telha cair vai ser do outro lado, tem feijão, charque e farinha vou botar fogo no fogareiro, a panela, onde será que está. De tarde, vou para praça ver Francisco do algodão. A cara dela ficava cada vez mais triste, não falava e choramingas me dava agonia. Ia para o hospital, voltava pior, depois não dizia mais uma palavra, o barulho que fazia com a boca era mais parecido com rinação. Chegou o dia, fui chamada no hospital: Sua mãe não era só esquizofrênica, também era doente grave do coração. Não entendi, mas também



pra quê? Saí aperreada, telefonei pro irmão mais velho, os outros não sabia por onde encontrar. Seu Alves, o vizinho da frente, apareceu e ajudou a fazer o enterro. Fazia tempo que ele nem na calçada botava o pé, deixei pra lá precisava de ajuda mesmo. Seu Alves: quando quiser pode vir tomar banho de chuveiro. Fui de toalha e sabonete cheiroso, quando fechei a torneira abriu a porta e me agarrou ainda molhada, de um puxão só já estendi as pernas abertas em cima da cama, fazer o quê? Um dia havia de acontecer. Doeu saiu uns pingos de sangue e fiquei toda melada. Depois se repetiu mais umas cinco ou seis vezes e aí que gozo bom! A menstruação faltou sete dias, disse a ele, sumiu e nunca mais nem olhar pra mim olhava. Conte a amiga da esco-

la: Você está nervosa, sossegue. Dois dias depois, a menstruação veio forte. Vejo o céu azul e o branco das nuvens, o buraco está maior: o pedacinho da nuvem é o algodão doce dele lá na praça. O feijão começou a cheirar, daqui a pouco mexo. Agora, de olhos fechados, penso no bem bom eu e ele, embaixo da árvore fazia de conta que dormia, o bonitão perguntava: quer algodão, Dona Maria? Foi chegando mais perto, aí eu tacava um beijo na boca e o rapaz se destreinava. De noite ia na frente e ele atrás com a carrocinha até em casa. Na terceira vez ele entrava no quarto e logo ... Plaft, plaft, O que é isso? Merda! As telhas caíram em cima da panela de feijão. ❖

Everaldo Soares Júnior, paraibano de João Pessoa, onde reside, é médico, psicanalista, membro fundador do Traço Freudiano do Recife, articulista da *Revista Veredas*. Integra a Oficina Literária Clarice Lispector do Recife.



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

Pai, vem ver a chuva

Theo G. Alves

Especial para o *Correio das Artes*

Havia tanto não chovia por aqui que mesmo os fantasmas mais antigos não sabiam exatamente o que fazer quando as primeiras gotas começaram a explodir gordamente no chão, que era só pedra bruta e uma penugem de poeira seca. A cada pancada de água, a poeira erguia-se à altura dos tornozelos, abria-se e voltava-se para dentro, como uma borboleta nascida de trás para frente. Os carros passavam numa orquestra de limpadores de para-brisas já aposentados do ofício, rangendo os dentes enquanto a água passava por baixo de suas barrigas de borracha ressecada. Os

meninos se dividiam entre os corajosos da algazarra e os assustados pela novidade, emparedados nas saias das mães e até debaixo das camas. Descobríamos em todas as moradias da rua que os tetos de nossas casas não serviam para a chuva, mas apenas para fazer alguma sombra, e agora a água descia com seus tentáculos úmidos pelas paredes a botar fogo nas tomadas das televisões e nas lâmpadas de halogênio.

Meu irmão e eu corremos a ver meu pai, que havia morrido sem jamais ter visto a chuva. Corríamos entre as poças que se formavam nos umbigos da pedra sobre a qual vivíamos: a pedra grande coberta com a penugem de poeira seca e muito fina. Corríamos sem gritos para podermos ouvir bem o encontro de nossos pés na água que a pedra não permitia absorver. Ouvíamos cada passo de um jeito único a molhar ▶

► nossas canelas numa imagem espalhada e bonita de um vidro muito líquido que não nos cortava, mas que nos refletia. Fomos a ver nosso pai para tirá-lo da terra a que pudesse ver a chuva que tanto desejara.

Cavávamos a mão e pés sem pá que nos houvesse. A chuva amaciava a bruteza da pedra onde meu pai fora deposto no ventre. Cavávamos, mas éramos lentos. Os dedos faziam sangue que se misturava à chuva e escorria sobre a pedra que cobria nosso pai. Cavávamos mais firmemente, rapidamente, avidamente, inexoravelmente e tantos outros advérbios mais. Cavávamos sob a chuva, enquanto havia a chuva que queríamos mostrar a nosso pai. Os dedos de meu irmão davam nos ossos, mas ele seguia e eu também. Olhava apenas para suas mãos, nunca para as minhas, que ele via de relance. Enxergava, por certo, o mesmo que eu. E cavávamos enquanto ainda chovia. Meu irmão dizia a nosso pai venha logo, venha ver que está chovendo, venha ver, ajude-nos a cavar. Nosso pai ouvia e cavava por dentro a pedra que só muito pouco cedia.

Meu irmão foi o primeiro a tocar a mão de nosso pai. Puxou-lhe a quase desconjuntá-la. Veio logo a outra mão entre as minhas, enquanto a chuva já arrefecia. Meu irmão dizia a nosso pai venha logo, meu pai, que a chuva já não espera muito, faça força, homem, faça força. Nosso pai ouvia, decerto, que o senti segurar mais firme a minha mão até um osso fino seu arranhar meu pulso. E o puxávamos e cavávamos sem dar por nós que a chuva já não tamborilava em nossas costas e que a escorrer de nossos pescoços agora era suor e não água. Antes que nosso pai saísse, saiu a chuva, que não era mesmo de demorar em nossa terra.

Terminamos de cavar à roda de seu pescoço. Os poucos trapos que ainda restavam misturados à pedra prendiam-no, mas se desmanchavam facilmente a cada puxão de meu irmão. Cavávamos mais lentamente que já não era matéria de avexar-se. A cara só osso de nosso pai nas mãos de meu irmão: a caveira com ares de

choro, de remorso, alguma raiva de nós, talvez. Cavávamos agora enquanto pedíamos desculpas, mas é que chove tão rápido nesta terra, pai. E emendávamos um pedido de desculpas ao outro, quase como a mãe faz ainda à ave maria e ao pai nosso. Tiramos do ventre da pedra bruta o corpo de nosso pai, agora sem propósito, como se nascesse de novo a pena miserável de não bastar por uma vida. Ajudamos a que se sentasse na pedra a olhar para cima, esperando a chuva que mais uma vez não veria. Compreendemos que queria estar só e nos despedimos em silêncio. Ele agora esperaria uma vez mais, por mais tempo, que agora já não era matéria de pressa e um dia haveria de ser um desses fantasmas mais antigos que nem sabem exatamente o que fazer quando chove. ❖



Theo G. Alves é poeta, contista e fotógrafo. Nasceu em dezembro de 1980, em Natal (RN), mas é radicado em Currais Novos, cidade do mesmo estado. Publicou os livros artesanais *loa de pedra* (poesia) e *a casa miúda* (contos), além de ter participado das coletâneas *tamborete* (poesia) e *triacanto: trilogia da dor e outras mazelas* (contos). Em 2009, lançou *o pequeno manual prático de coisas inúteis* (poesia e contos), em 2015, *a máquina de avessar os dias* (poesia), ambos pela Editora Flor do Sal, e este ano, *doce azedo amaro* (Editora Moinhos).



Reescrevendo

Milfa Valério

Especial para o *Correio das Artes*

Depois de descobrir a verdadeira importância de Lia, fêmea fertilíssima na cama de Jacó, garantindo-lhe prazer e posteridade, certamente Raquel nunca mais foi a mesma. De nada lhe valeram a beleza estonteante, a juventude, a carne em flor, o amor reverente, a entrega absoluta, sem a qual a vida se perderia para sempre nos subterrâneos sombrios do não-ser. Porque andar na contramão do amor é estar no mundo pela metade, como um ser mutilado. É enxergar o próprio mundo com lentes baças, é não viver. E não viver implica, direta e claramente, não experimentar os sabores de cada instante, o verdadeiro gosto de existir.

Sirvo-me de tais reflexões eu, personagem de um testamento contemporâneo, como fios de uma teia estratégica, ponte para atravessar o rio traiçoeiro das minhas fragilidades, sem afogar-me nelas.

Ontem, depois do choque pela descoberta fatal, queria falar de algumas coisas, na tentativa de abrir clareiras na densa floresta dos meus sentimentos, em relação a esse enredo. Então, lhe escrevi, Augusto, com a maior sinceridade, acredite. Texto de nada, labirinto de pensamentos, talvez um quebra-cabeça, que só duas pessoas poderiam montar com relativo sucesso - você e eu.

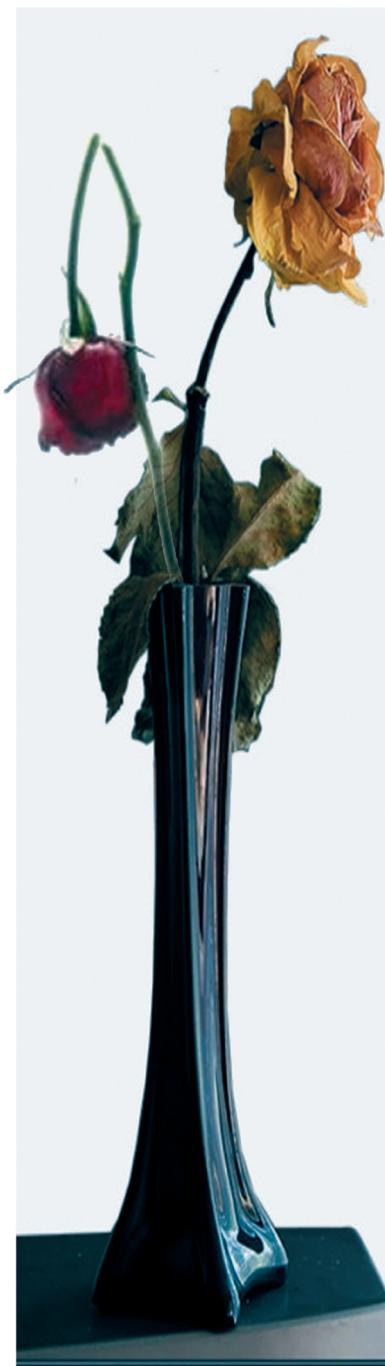
► Pensava, enquanto escrevia, revelar o filme da nossa vida para lhe mostrar ou para assistirmos juntos, como se ainda fosse possível tal coisa. Esforcei-me, em várias tentativas, para captar o melhor dele: momentos mais significativos, expressões mais verdadeiras, fotografias com as cores mais honestas, nas quais acreditei com toda a alma.

Quis flagrar também as falhas, as brechas, mas onde buscá-las, meu Deus? Meu olhar, ainda que obscurecido pela tristeza, só queria enxergar, creio, os tons mais belos. Não houve como fugir ao velho encantamento, apesar de tudo, de mim, da raiva mesmo, crescendo feito uma bomba atômica, dentro, explodindo o equilíbrio. Mas talvez porque tivessem marcada exuberância, alguma coisa sobrou nesse filme, algo escapou para o ninho das dúvidas, ferindo a exatidão da realidade. Não deu para atingir o planejado. Nessa guerra, o lado do desejo foi mais forte. E porque o poço dos desejos transbordou, perdeu-se boa parte do líquido precioso da verdade, que agora não sei mais se foi verdade, e do sentido profundo que a ela emprestei.

Dizia, naquele texto, que detesto palavras rasas. Isso vale também para uma relação amorosa. O amor, o amor verdadeiro não é raso. Não há com que medir sua profundidade, eu sei. Mas todo o mundo sabe que é um sentimento de raízes profundas. O resto que me sobrou fugiu-me por entre os dedos, pelo corpo todo e, mais ainda, pelo lado aberto do coração.

Gostaria de amar em azul. Sonhei ter ao menos um lado do amor todo azul, com olhos compridos de adoração, com palavras sinceras, com declarações ardentes, com os poemas que a mim nunca foram destinados. Sei que um amor em azul é mera idealização, mas ao menos pintá-lo em tons mais leves é possível. Só custa o preço do cuidado e do respeito à promessa feita.

Não pude pagar por um amor assim. Não tenho dote de nenhuma espécie e trago do berço as marcas anunciadoras da solidão: não ser bela, não ter predicados,



e de perder-me por nada, por puro gosto de divagar, de embrenhar-me em fantasias.

Desculpe-me pela insensatez de querer apossar-me das cores do arco-íris, de imaginar colorir com elas as nuvens do sonho de dançar com você, de mãos dadas, pelo resto de nossas vidas. Esqueci-me de que nada é para sempre. Aliás, esqueço todos os dias que somos seres engendrados do pó, tão inconsistentes quanto a própria existência feita de riscos e incertezas. Ademais, decepções são o único prêmio recebido por aqueles que ousam burlar essa lei. Elas, sim, estão sempre entre nós com seu peso

de eternidade, multiplicando-se sem nenhum pudor.

Você gostava tanto de dançar. Acabo de perder um prazer dos que mais amava. Voltando ao azul, minha íris, agora de um deplorável roxo metafórico, se despe do brilho, para combinar com o cinzento de um mundo, que me diz como é brutal viver. “Trata-se do seu mundo apenas”, você dirá, corrigindo-me. Sem falar na aspereza e na opacidade dos caminhos. Você, tão sábio, nem me avisou. Atalhos estreitos, com afiadas pedras escondidas, que nos agridem traiçoeiramente. Para quem andou sempre descalça, imagine as feridas... Houve grande perda de tecido, não vai sarar; não vai fechar. Está virando um túnel por onde somem, dolorosamente, alguns caros projetos, embora tão fantasiosos quanto essa história de que faço parte. Reconheço, agora.

Escrevi com uma caneta velha e nem reparei que a tinta era vermelha, berrante, sobre o papel imaculado. Teria sido algum sinal? Bobagem! É claro que o azul no branco fica sempre mais agradável, e lembra céu e mar. Mas o mar que me ocorre faz naufragar meu barco e em vez de verde ou azul, tem as cores feias da deslealdade e da hipocrisia, que devem ser escuras, barrentas, opacas. Tem ondas imensas de espanto, por me sobrar, ainda, um pouquinho de vida. Talvez, unicamente na aparência, porque, o resto é só desintegração, no momento.

Por que você me exilou no limbo? São suas palavras contra as minhas, varrendo todas as possibilidades do nosso encontro, do meu aparecimento em sua rota, do meu registro em sua história, de tudo o mais que signifiquei, pelo menos por algum tempo. Como ousou dizer, com todas as letras, que antes da sua Circe ninguém existiu, nem eu? Nem por isso quero voltar sobre os mesmos passos. Às vezes somos conduzidos aonde não queremos ir, caso detestável desse instante. Queria, despojada de quaisquer outras intenções, olhar da curva da estrada, convencida de não ter desperdiçado meu afeto, minha capacidade de entrega, o tempo ►



que me foi dado para ser feliz. Queria ver por entre as árvores, nas veredas dessa rota, algum fruto, embalada pela esperança de não ter perdido um tesouro que animava e dava tanto sentido à minha vida. Que essa vida tivesse ocupado um lugar, por menor que fosse, mas verdadeiro, no tempo que durou. Infelizmente, nem isso.

Este texto, escritura da dor, coube-me como a herança que não desejei. Felizmente, os deuses me sopraram as palavras, ajudando-me a enxergar um pouco de luz, apesar da escuridão. Porque é chocante abrir os olhos, de repente, e ver tudo que se esperou arruinado.

Não pense, no entanto, que me sinto infeliz com a retirada do véu. Estou até agradecida, sim, por estar menos insegura, por saber onde piso. Aliás, preciso saber mesmo, porque o caminho se alonga e fica mais difícil, quando se tem de parar algumas vezes, por não conhecê-lo bem ou para uma reorientação. Agora, por exemplo, paro. Paro porque preciso apanhar o resto das minhas forças, que caiu junto com sua bela máscara. A minha, pelo visto, sempre estive em minha cara, sem me dar conta dela. Interessante, não é? Pelo menos,

existe menos para chorar do que para rir, ainda que eu não tenha, exatamente, vocação para o riso. Compreendo que, alguma vez, por necessidade ou ironia da sorte, sempre se aprende um ofício novo.

Refletindo melhor, a perda nem foi tão grande assim. Além do mais, o que vivemos tem sempre seu tempo, seu valor e deixa marcas, ainda que queiramos, por um motivo ou outro, apagá-las, como você tentou fazer.

Vejo que mantém a preferência pelas coisas criativas, novas, nada de meios ortodoxos. Eu, porém, prefiro a faca no peito. Golpes duros, para além da carne nem sempre são suficientes para tornar alguém cínico. Fiquei no chão do chão. Não sou, porém, o único ser humano nesse estado. Somos muitos e muito sós, porque as meias faces é que predominam e fazemos parte de um bloco de penitentes em eterna procissão, querendo, inutilmente, exorcizar as naturais imperfeições do mundo, mesmo que num processo inconsciente. De vez em quando, alguém en-

tende isso e então se salva.

Vejo também que não há motivo para surpresa nem reprovação. Era tudo óbvio, minhas lentes é que estavam baças. Isso me faz tanto mal! Tanto quanto o bem que essa nova vida lhe proporciona. Talvez esteja misturando as coisas. Você disse que eu era “um poço de complicação”. Não por acaso, a “encarnação da simplicidade” o encantou, não é? Melhor, “impregnou” seu “pensamento”, palavras do seu evangelho.

Lamento muito que, nesse emaranhado de atitudes, você não enxergue que a ação tem peso, mas o **como** agir tem mais peso ainda... E o pior, por falta de honestidade, fica algo indefinido como uma patada no ar. E dói, absurdamente. Está acima da compreensão o que digo? Mas é simples. Não tenho dom para misturar coisas sérias com atitudes sem compromisso. O fato de tê-lo acolhido na sua crise de consciência não quer dizer nada, faz parte da “piedade cristã” da qual você faz tão pouco caso e que nem valeu. Não foi do grau do “alento” de que você precisava, por incompetência minha. Nem foi tão profunda que operasse um milagre.

Antes de terminar essa “ladainha”, quero lhe dar parabéns pelo golpe magistral. Agiu tão de mansinho, que só vim perceber quando já estava no limite do ridículo, bola que escapa das mãos do goleiro. Todo mundo me olhando, enquanto eu despenca-va de um falso paraíso, para cair no inferno, sem nada entender! Trabalho de artista!

Mas não se desconsolle, a culpa deve recair, inteira, sobre mim, Por pensar que minha vida fosse um prolongamento da sua, meus passos dos seus passos. Por artes da paixão, errei no tom. Meu céu era mais para cinza que para azul, só que eu não via. E sol talvez tenha sido mero raiozinho tímido, escondido em nuvens espessas, entre o sonho e o nada. ❖

Milfa Araújo Sebadelhe Valério nasceu em João Pessoa (PB), mas está radicada em Alagoinhas, na Bahia, desde 1968. É professora de Língua e Literatura Francesa da Universidade do Estado da Bahia, poetisa e contista. Publicou os livros *Passagem* (poemas, 1968) e *Como água na pedra* (contos, 2004).



Coração de menino

Na primeira vez em que fui à casa de Orlando Tejo, no bairro da Iputinga, levei o maior susto. A casa encontrava-se inteiramente aberta; desde os portões, escancarados, voltados para o jardim, à porta principal e às janelas da sala, que davam para o terraço. De maneira que ali, da calçada, podia-se ver boa parte do seu interior, da sala à cozinha. Numa cidade como o Recife, onde falta tudo, menos ladrão, era impossível não pensar, logo, em assalto.

Foi meio desconfiado, portanto, que fui entrando. Ainda no jardim, próximo ao terraço, gritei:

— Ó de casa!

— Pode entrar! — respondeu-me um homem aparentemente mais moço do que eu, sentado numa cadeira de balanço e cuja presença eu não havia percebido, uma vez que ele se encontrava na parte lateral do terraço, quase oculto por um vaso de plantas.

Olhei-o bem. Trajava roupas velhas e desbotadas. Possuía cabelos longos e revoltos, bigodes compridos e o olhar abotocado. Alguma coisa no seu olhar me lembrou, de imediato, a figura de Léon Bloy. Como ele estivesse de pernas cruzadas, percebi que a altura do salto de uma das suas botinas, a do pé direito, era bem maior do que a da outra, para compensar um evidente defeito físico. “Deve ser filho de Tejo”,

pensei. Foi então que perguntei:

— Orlando está?

— Sei não, entrei agorinha mesmo! Pergunte aí dentro.

Não foi preciso. Da sala, a figura magra e impoluta de Orlando Tejo já saía para o terraço, com o cachimbo numa das mãos e o isqueiro na outra, de braços abertos, prontos para o abraço:

— Vamos entrando, poeta!

Eram cerca de duas horas da tarde e Tejo havia acabado de acordar. Ele era assim, trocava o dia pela noite. Vivia dizendo, pra mim e Astier:

— Vocês dois parecem uns homens das cavernas! Vivem comendo carne; e, quando o sol se põe, correm para as suas tocas! Um homem moderno, como eu, não se alimenta de animais. Além disso, num clima como o nosso, e já que descobrimos a luz elétrica, o melhor é fazer as coisas no frescor da noite e dormir durante o dia, quando faz mais calor!

Eu até concordava um pouco com a tese de Tejo, não fosse o fato de ele só comer macarrão. Mas não sendo, como ele, aposentado, não tinha a sua flexibilidade de horários para viver. O fato é que sentamos e começamos a conversar. Minutos depois, uma moça apareceu e nos serviu café. Vi que gatos e cães da rua passeavam sossegadamente pelo jardim, alguns chegando mesmo ▶

ILUSTRAÇÃO: MANUEL DANTAS SUASSUNA (DETALHE)



► a cruzar o terraço em direção ao quintal. Na época, Tejo se mostrava meio desanimado com o destino do nosso país. Entre uma e outra baforada, comentou:

— No Brasil, há mais poeta do que gente. E como poeta, de um modo geral, não regula bem do juízo, não podemos esperar muito do nosso futuro...

Veza por outra, o jovem de longos bigodes, que também aceitara o café, mas se mantivera no seu lugar, meio afastado de mim e de Tejo, intrometia-se na conversa, ora concordando, ora discordando, falando um pouco mais alto do que o normal e concluindo sua argumentação meio desconexa com uma expressão cujo sentido até hoje não consegui compreender. Terminava sempre assim:

— É um problema de cabaço, viu? E cabaço é fogo!

Quase uma hora depois, tendo repetido isso mais de cinco vezes, levantou-se abruptamente e saiu pelo portão afora sem nem sequer se despedir.

— É seu filho, Tejo? — lembrei-me de perguntar, tão logo o homem saiu.

— Não, Tejinho é bem mais moço! Não está aqui não, está em casa de algum amigo.

— E quem é?

— Sei não! Um doido aí da rua...

A casa de Tejo era assim, inteiramente aberta a qualquer semovente que nela quisesse entrar. O que vou contar agora, portanto, poderia ter acontecido ali mesmo naquele terraço, com um cão de rua. Mas não quero usar da minha prerrogativa de cronista para distorcer os fatos rigorosamente históricos que estou narrando aqui. Assim, saio daquele terraço para outro, o de um casa de praia de um casal amigo de Tejo, na Paraíba, onde certa vez Tejo fora passar um final de semana com a sua esposa, Josymar. Na casa, havia um enorme cão, preto e muito peludo; um cão que, embora manso, assustava qualquer visitante, devido



ao seu tamanho. Tarde da noite, quando todos já se preparavam para dormir, Tejo disse ao amigo que ficaria lendo na rede, e que acabaria dormindo ali mesmo, no terraço.

E foi o que aconteceu. Na manhã seguinte, a dona da casa encontrou a rede fechada, e escutou, vindo de dentro dela, o ronco de Tejo, que dormia profundamente. Logo, porém, deu pela falta do seu cão. Procurou pelo jardim, pelo quintal, e nada. Preocupada, passou a chamá-lo em voz baixa, com medo de acordar Tejo. De repente, o cão salta de dentro da rede, dando o maior susto na dona e acordando o hóspede, com quem dormia abraçado.

— Tejo, o que foi que aconteceu? — Perguntou a mulher, ainda assustada.

E Tejo, com voz de sono:

— Acho que o bichinho sentiu frio, de madrugada. Começou a ganhar baixinho e eu abri a rede pra ele entrar...

É isso, leitores. Orlando Tejo nasceu, cresceu, envelheceu e morreu. Mas permaneceu, a vida inteira, com o mesmo coração, um imenso coração de menino. ❖

Carlos Newton Júnior é poeta, ensaísta e professor da Universidade Federal de Pernambuco. É autor de vários livros, entre os quais, *Vida de Quaderna e Simão* (romance) e *Canudos - Poema dos Quinhentos* (poesia). Mora em Recife (PE).



TEATRO ÍRACLES BROCOS PIRES
ICA

TEATRO ÍRACLES PIRES
(ICA)

TEATRO ÍRACLES PIRES

O GRANDE PALCO CULTURAL DE CAJAZEIRAS ESTÁ DE VOLTA

GOVERNO DO ESTADO INVESTE 5 MILHÕES
EM REFORMA E AMPLIAÇÃO DO ICA



A UNIÃO
Superintendência de Imprensa e Editora

125
Anos

Faça parte do Sesc!



Comerciário

- Comprovante de Residência
- Carteira de Trabalho
- RG e CPF
- PIS/PASEP
- Foto 3x4
- Cópia da GRF e GPS

Dependente

- CTPS do Comerciário
- RG
- CPF (obrigatório a partir de 12 anos)
- Foto 3x4
- Certidão de Nascimento (Até 21 anos)
- Certidão de Casamento (Cônjuge)

Conveniado

- Comprovante de Residência
- Declaração do Convênio
- RG e CPF
- Foto 3x4

Usuário

- Comprovante de Residência
- RG e CPF
- Foto 3x4

VOCÊ SABIA QUE O **SESC** É UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL **DO MUNDO?**